

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Artes Patrimônio
Cultural



Trabalho Acadêmico

Festivais Nativistas:
Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul?

Sabrina de Matos Marques

Pelotas, 2012.

SABRINA DE MATOS MARQUES

FESTIVAIS NATIVISTAS:
Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul?

Trabalho acadêmico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Artes Patrimônio Cultural.

Orientador: Mário de Souza Maia

Pelotas, 2012.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Mário de Souza Maia

Prof. Dra. Larissa Patron Chaves

Prof. Msc. Laura Zambrano

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que de alguma forma buscam a manutenção e a preservação do folclore e da cultura popular do Brasil.

Agradecimentos

Não posso deixar de começar agradecendo a todos aqueles que sempre me incentivaram a trabalhar com este tema, sempre com palavras e apoio em todos os sentidos: familiares, amigos, os músicos com quem tive contato e todos que reconhecem a importância do desenvolvimento deste trabalho, tanto para mim quanto para terceiros.

Aos meus pais, que passaram grande parte deste processo longe, mas sempre interessados pelo seu desenvolvimento. Pela ajuda, o amor e o carinho de sempre, obrigada! Como já disse uma outra vez, serão sempre meu apoio e minha força. Amo vocês!

Aos meus sogros que sempre estão o meu lado incentivando, apoiando e muitas vezes mostrando o quanto é importante continuar estudando e nos aperfeiçoando. Obrigada pelo bonito exemplo que nos dão.

Um agradecimento mais que especial a minha “bi cu” Gabriela, Bibi Manzke, por ser sempre minha amiga, minha irmã, minha babá e agora minha “personal formatation”. Obrigada por estar sempre com a gente.

À minha outra irmã e comadre, Lídia, que também muito fica de babá dos meus pequenos sempre que preciso. Te amo Né! E o Guigoso também, que está sempre na volta.

Aos amigos, que como eu, amam aquilo que estudam e buscam defender e preservar nossa cultura. Meu compadre e grande incentivador, Thiago Amorim, também orientador dos meus trabalhos de extensão no Núcleo de Folclore da UFPEL. Jordana e Jaci, minhas “comadres” que junto com a Jana me mostraram o lindo mundo do folclore brasileiro, fortalecendo meu amor por aquilo que pesquisei.

À Janaína Jorge (in memorian), minha comadre, por me “pegar pelo braço” e como disse antes me incluir neste mundo. Sei que estás sempre ao nosso lado e és um dos motivos de eu querer continuar.

Aos amigos músicos que participaram diretamente ou indiretamente deste trabalho: Pirisca Grecco, Robledo Martins, Leonardo Oxley, Fabiano Bacchieri, Alessandro Mattos e principalmente ao Fabrício Marques, meu irmão, meu ídolo, desde sempre meu melhor amigo. A todos muito obrigada, vocês foram essenciais para este trabalho.

Ao meu orientador, Mário Maia, que sempre me auxiliou levantando questões que nortearam o trabalho fazendo com que tomasse um rumo diferente do inicial, mas que acredito, foi o melhor. Com certeza o sucesso deste se deve muito a ti. Obrigada!

Não posso deixar de agradecer a mais uma das minhas comadres, Giovanna, que me ajudou com o inglês. Também és parte deste trabalho, obrigada pelo carinho de sempre.

E por fim, mas não menos importante, aos meus três pimpolhos que fazem com que minha vida e minha jornada tenham sentido: Gabi, Anita e Tito (que assistiu muita aula comigo, ainda na barriga). Vocês são minhas vidas, amo muito vocês. E para completar ao meu músico particular, Vitinho Manzke, meu braço direito, meu amigo, meu amor, em quem descarrego minhas frustrações, impaciências e irritações, mas que está sempre ao meu lado, independente de tudo. Te amo muito, com certeza tem muito de ti neste trabalho e em tudo que faço. Obrigada por me aguentar.

Aos meus guias espirituais, sempre presentes me auxiliando, me inspirando... Salve!!!

Os festivais são um grande teatro, mas ainda não podemos considerá-los patrimônio cultural do Estado em função da politicagem que acontece tanto nas organizações como no júri. Corremos o risco de formar uma cultura manipulável e isto, para o povo, não é bom.

Leonardo Oxley

Quando não souberes para onde ir, olhe para trás e saiba pelo menos de onde vens.

Provérbio Africano

Resumo

MARQUES, Sabrina de Matos. **Festivais Nativistas: Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul?** 2012. 101f. Trabalho Acadêmico (Especialização) – Programa de Pós-Graduação Artes Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

A preocupação em torno dos patrimônios culturais é um assunto cada vez mais abordado em diferentes níveis. A preservação de bens culturais que traduzem identidades culturais, de um determinado local ou sociedade, tem resultado de diferentes ações para alcançar este objetivo. Com foco nos bens culturais imateriais e nas diferentes ações que estão surgindo em busca da preservação e salvaguarda destes bens, esta pesquisa pretende questionar a validade de algumas destas ações direcionadas a patrimonialização de determinadas expressões culturais. Entendendo que as manifestações populares são mediadoras de identidades, este trabalho aborda um destes processos de patrimonialização, relacionado ao Movimento Nativista do Rio Grande do Sul, um movimento musical e cultural que nasceu no ano de 1971 com o festival Califórnia da Canção Nativa e persiste há 40 anos através do ciclo dos Festivais Nativistas. Em 2005 foi decretada uma lei no estado que tornou a Califórnia da Canção Nativa Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul, e após, em 2008 outra que considera todos os Festivais Nativistas Patrimônios Culturais do estado. Tendo por referência as diferentes legislações criadas por órgãos mundiais, federais, estaduais e municipais que trabalham em prol da questão dos Patrimônios Culturais Imateriais e os instrumentos provenientes deste trabalho, esta pesquisa busca questionar a validade e os efeitos que estas leis trouxeram a esta manifestação cultural e popular.

Palavras-chaves: patrimônio cultural, nativismo gaúcho, festivais nativistas, Califórnia da Canção Nativa.

Abstract

MARQUES, Sabrina de Matos. **Festivais Nativistas: Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul?** 2012. 101f. Trabalho Acadêmico (Especialização) – Programa de Pós-Graduação Artes Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

The worry concerning cultural patrimony is an increasingly approached subject in different levels. The preservation of cultural assets that translate cultural identities from a specific location or society can be seen as the result of actions toward this aim. Focusing on the emerging actions regarding preservation and protection of non-material cultural assets, this research intends to question the validity of some of those actions targeting the patrimonialization of specific cultural expressions. From the position that popular manifestations are mediators of identities, this work approaches one of these patrimonialization processes related to the *Movimento Nativista do Rio Grande do Sul*, a musical and cultural movement that emerged in 1971 with the *Festival Califórnia da Canção Nativa* and have persisted for 40 years through the cycle of *Festivais Nativistas*. In 2005, the State decreed a law to consider the *Califórnia da Canção Nativa* as Cultural Patrimony of Rio Grande do Sul, and in 2008 another law was decreed to consider all *Festivais Nativistas* as Cultural Patrimonies of the State. The aim of this research was to question the validity and the effects that different laws and instruments created by worldwide, federal, state and local organs that work towards the benefit of the Non-material Cultural Patrimony cause have brought to this popular and cultural manifestation.

Keywords: cultural patrimony, *gaúcho* nativism, nativist festivals, *Califórnia da Canção Nativa*.

Lista de Figuras

Figura 1	4 ^a Capela da Canção Nativa/2009 (Pirisca Grecco, Leonardo Paim e Clarissa Ferreira). Foto Sabrina Marques.	26
Figura 2	4 ^a Capela da Canção/2009 (Vitor Manzke e Raineri Spohr). Foto Sabrina Marques.	29
Figura 3	25 ^º Reponte da Canção / 2009 (Luis Marenco, Aluísio Rockembach, Beto Borges, Mandeco). Foto Sabrina Marques.	51
Figura 4	Cartaz de divulgação da 37^a Califórnia da Canção Fonte: http://produtoculturalgaúcho.blogspot.com.br	56

Lista de Tabelas

Tabela 1 Categorias das Obras de Arte.

32

Lista de Abreviaturas e Siglas

Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul – CCNRS
Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP
Centro de Tradições Gaúchas – CTG
Diário Oficial da União – DOU
Departamento do Patrimônio Imaterial – DPI
Inventário Nacional de referências Culturais – INRC
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado – Rio Grande do Sul - IPHAE – RS
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN
Lei de Incentivo à Cultura – LIC
Ministério da Cultura – MINC
Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG
Patrimônio Cultural Imaterial – PCI
Programa Nacional do Patrimônio Imaterial – PNPI
Secretaria Municipal de Cultura – SECULT
Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN
United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciências e a Cultura) – UNESCO

Sumário

Introdução	13
1 Identidade e memória cultural;	17
1.1 A Manifestação Nativista como mediadora da identidade gaúcha	22
1.2 O Movimento Nativista e o Ciclo dos festivais	26
2 Patrimônios Culturais Imateriais	32
2.1 Órgãos federais, estaduais e municipais	36
2.2 Legislação e Instrumentos de Salvaguarda	39
3 Festivais Nativistas: Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul?	47
3.1 Metodologia	48
3.2 O Caso da Califórnia da Canção Nativa	51
3.2.1 37ª Califórnia da Canção Nativa	55
3.2.2 A visão dos músicos	59
Considerações Finais	65
Referências	68
Apêndices	71
Anexos	73

INTRODUÇÃO

A identidade cultural de uma sociedade é formada pelo conjunto de expressões materiais e imateriais que esta produz. Hábitos e costumes são compartilhados de geração em geração. As artes, as expressões intelectuais, as configurações tipológicas e simbólicas das cidades e povoados, bem como os modos de vida expressos nos cotidianos das sociedades moldam a diversidade cultural que compõem as identidades coletivas. A estes aspectos ou características, eventualmente são atribuídos *status* de Patrimônios Culturais Imateriais. Como indica a Carta de Fortaleza (1997), estes são

“considerados em toda sua complexidade, diversidade e dinâmica, particularmente, as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas, com especial atenção àquelas referentes à cultura popular”.

No Brasil, em sintonia com as políticas patrimoniais internacionais promovidas pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), as formas de expressão imateriais, em especial àquelas ligadas à cultura popular foram objeto de atenção do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o que resultou num decreto de lei, no ano de 2000, instituindo o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. Assim, ficou estipulado que os bens desta natureza seriam divididos em quatro categorias e assim inscritos em quatro Livros de Registros: “o Livro de Registro dos Saberes, o Livro de Registro das Celebrações, o Livro de Registro das Formas de Expressão e o Livro de Registro dos Lugares” (IPHAN, 2006). Estas políticas, no Brasil, estão centralizadas no IPHAN para tratar de expressões nacionais, e em órgãos congêneres nos diferentes estados da

federação para políticas regionais estaduais, tais como o IPHAE – RS (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul).

O Nativismo, surgido no Rio Grande do Sul, há 40 anos, é um movimento musical que, desde seu início, vem buscando estabelecer e manter uma identidade a partir de um passado tradicional idealizado. Este movimento se organizou a partir da realização de festivais de música denominados Festivais Nativistas, e estes se constituíram no *locus* principal dessa manifestação. Estes festivais ganharam relevância pela sua ampla abrangência, e se transformaram em importantes espaços de manifestação de uma identidade regional. A forte repercussão de alguns destes festivais fez com que fossem tomadas algumas iniciativas na direção do reconhecimento dos mesmos como Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul, como é o caso da Califórnia da Canção Nativa de Uruguiana, festival que inaugurou o movimento, dando o primeiro passo para a difusão do nativismo enquanto manifestação popular. A Lei 12.226, proposta pelo então governador do estado Germano Rigotto, decretou a Califórnia como Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul. Após a patrimonialização deste festival, a lei número 12.975 de 13/05/2008, proposta pelo deputado estadual Rossano Gonçalves, decretou que todos os festivais nativistas são Patrimônios Históricos e Culturais do Rio Grande do Sul. Note-se que estas iniciativas foram sempre encaminhadas por políticos envolvidos de alguma maneira com a causa Nativista, sem nenhum tipo de fundamentação conforme orientam as políticas de salvaguarda do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial do IPHAN, nem tampouco do IPHAE. Foram patrimonializações feitas apenas por decretos de lei.

Com as considerações anteriores, o foco deste trabalho está voltado para a investigação da validade destes decretos leis em relação às possíveis contribuições para estas manifestações culturais. Busca também, a partir de alguns questionamentos feitos a protagonistas, músicos, produtores e público, identificar os diferentes agenciamentos identitários promovidos por estas músicas, e as relações de pertencimento que estas despertam.

Para a busca dos dados, foi utilizado o método etnográfico, a partir da ótica da etnomusicologia. Partindo da definição feita por Allan Merriam (apud NETTL, 2006) onde a etnomusicologia seria “o estudo da música como cultura” e os seus três planos de abordagem para a análise da música: o dos sons (ideias sobre a música), o dos comportamentos (o contexto social e cultural) e o do conceito (a

música em si), em um primeiro momento, no capítulo 1, foi abordado o tema da identidade e memória cultural e a manifestação nativista enquanto mediadora da identidade gaúcha. O método utilizado torna-se válido ao constatar que o movimento que surgiu em 1971 no Rio Grande do Sul parte de músicos e do produto por eles produzido, a música nativista. É apresentado ao longo do trabalho, a influência que este gênero musical produzido no estado causou em determinados grupos sociais, atingindo inclusive parcelas do público jovem. O movimento reforçou a institucionalização de características culturais conhecidas hoje como tradição no estado do Rio Grande do Sul, como por exemplo, o uso da bombacha. Para dar base à pesquisa foram utilizados autores¹ como Stuart Hall (2000), Nilda Jacks (2003), Gladis Pippi (2005) e Barbosa Lessa (1985).

No capítulo 2, foram abordados os instrumentos que dão base aos processos de patrimonialização dos bens culturais imateriais. Foi realizado um estudo histórico do surgimento do tema utilizando o autor Carlos Lemos e bibliografias específicas lançadas pelo Ministério da Cultura junto ao IPHAN. Neste capítulo são citadas, ainda, todas as instâncias, legislações e as aplicações destas.

No capítulo 3 é apresentada a metodologia com a importância da escolha dos instrumentos de coleta de dados trabalhados, para posterior efetivação da análise completa dos mesmos: o estudo de caso da Califórnia da Canção Nativa, patrimonializada por lei pelo governador Germano Rigotto. O festival desde 2001 vinha realizando com dificuldade suas edições e desde 2010 não é realizado por falta de apoio e, principalmente, de recursos financeiros.

Neste momento apresenta-se o foco do trabalho quando é debatida a validade desta patrimonialização. Segundo, Seeger (1992, p. 25)

“muitas vezes, a música é também parte de um processo político, de censura ou promoção do Estado. As avaliações políticas de performance freqüentemente são importantes para se conhecer e estudar”.

Ao embasamento teórico são somadas às opiniões de alguns músicos, principais agentes da manifestação nativista. É válido destacar que a intenção inicial

¹ Stuart Hall oferece sua contribuição em relação aos estudos de identidades culturais e suas transformações na pós-modernidade; Nilda Jacks, pesquisadora gaúcha, realiza seus estudos resgatando o regional no nacional, apresentando questões relevantes sobre a diversidade cultural; Pippi contribui neste trabalho com a sua análise entre memória e patrimônio; e Barbosa Lessa, pesquisador da cultura regional e um dos fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho, que aborda sobre as raízes dos movimentos culturais oriundos do Rio Grande do Sul.

era de realizar um trabalho polifônico, apresentando as falas dos diferentes agentes envolvidos na questão da Califórnia, ou seja, artistas, Comissão Organizadora e o Poder Público Municipal. Entretanto, por não ter obtido receptividade da Comissão e nem da Prefeitura, apresentamos apenas a fala de músicos que se disponibilizaram a cooperar com este projeto. O instrumento de pesquisa foi reformulado e aos entrevistados foi questionada a opinião à cerca da importância do festival para o movimento; o que eles entendem por patrimônio cultural; e suas perspectivas em relação a volta do festival que foi o marco inicial de todo um movimento.

Pretende-se através deste estudo, colaborar para o debate da questão das patrimonializações “em massa” que vem ocorrendo atualmente, ou em outras palavras, questionar a facilidade com que qualquer agente público decide encaminhar alguma manifestação cultural para um processo de reconhecimento e patrimonialização. Qual a relevância e importância cultural para grupos sociais ou sociedades mais amplas? Os métodos utilizados são válidos? Qual o papel das organizações públicas e privadas em um processo de patrimonialização? E após?

Órgãos como a UNESCO tem apresentado diferentes abordagens da questão e vem trabalhando com representantes dos mais diversos países no mundo inteiro. No Brasil, mais especificamente, o Ministério da Cultura também tem realizado ações e projetos que buscam valorizar os bens imateriais. Este trabalho realizou reflexões em torno destas questões buscando assim auxiliar nas tratativas deste tema que tem gerado grandes discussões tanto internacionais quanto nacionais.

1 Identidade e memória cultural

Versar sobre identidade nos tempos atuais onde o mundo é uma “aldeia global” regida pela proximidade virtual que as novas tecnologias nos apresentam é um grande desafio. A idéia de que a sociedade pode estar diante de uma “crise de identidade” é um assunto que tem gerado grandes discussões. Acredita-se que a modernidade e a globalização fizeram com que as identidades entrassem em um declínio e que hoje temos identidades temporárias regidas pela grande influência destes processos, enquanto outros acreditam que as identidades locais, ou regionais – foco deste trabalho – vieram a se fortalecer ainda mais em virtude disto. Porém este é um assunto amplo e complexo e ainda é difícil oferecer afirmações conclusivas. Por este motivo, será abordado aqui mais do conceito destas identidades focando no seu aspecto cultural.

Ouve-se tanto falar na identidade, mas sabe-se de fato o que ela representa para uma sociedade? Afinal, o que é a identidade?

Se procurarem no dicionário (Mini Aurélio, 2009), encontrarão que a identidade é “1. Qualidade do idêntico. 2. Os caracteres próprios e exclusivos duma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc.”

Explorando a primeira definição, tem-se: qualidade do *idêntico*, que por sua vez é “perfeitamente igual”. Já *igual* tem por definição:

“1. Que tem a mesma aparência, estrutura ou proporção; idêntico. 2. Que tem o mesmo nível; plano. 3. Que tem a mesma grandeza, valor, quantidade, quantia ou número; equivalente. 4. Da mesma condição, categoria, natureza, etc.”

Após definir basicamente a palavra identidade, chega-se ao ponto de desenvolver este trabalho, explorando assim o seu conceito apoiada em importantes autores.

A identidade de uma sociedade está na condição de igual que ela possui – não levando em consideração o que hoje trata-se por igualdade social e sim o igual na sua estrutura enquanto nação/país/povo. Forma a identidade de uma nação não apenas seus ritos, costumes, mitos, expressões, mas também sua economia, política, estrutura física de formação das cidades, povoados, entre outros. Todos estes aspectos juntos são o que conhecemos como a cultura de um povo e consequentemente constituem assim a sua identidade cultural. Segundo Hall (2000, p.8) as identidades culturais são “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. São produções sociais lentamente elaboradas, e que funcionam de modo quase inconsciente. São valores, costumes, sistemas de crenças, conhecimentos científicos, artísticos e educacionais, situados geográfica e temporalmente, ou seja, dentro de um contexto histórico, que se articulam em um espaço de construção simbólica.

As condições estruturais de uma sociedade, incluindo sua política e economia, diferente da cultura, se modificam mais lentamente pois obedecem a dinâmicas próprias, mesmo com estes fatores da mundialização. Já seus outros aspectos mais direcionados ao “fazer popular” são a grande preocupação de alguns historiadores, hoje, que descrevem as identidades em crise, pois acreditam estarmos vivendo em uma era de produção de uma cultura global.

A cultura em uma sociedade nasce das diferentes relações que o indivíduo possui com o ambiente que o rodeia. Relações estas com a natureza, onde o espaço natural se transforma em um espaço cultural; com ela mesma, quando descobre e aceita as características próprias; o relacionamento com o próximo, pois se aprende com o outro, ensina-se ao outro, faz-se “acordos” em nome da coletividade, ou seja, espaço cultural da sociedade; e com o transcendente, que ocasionou e ocasiona ainda o surgimento de religiões que buscam relações entre homem e espiritualidade. Isso demonstra o caráter dinâmico da cultura, que está sempre em transformação.

Tal cultura constrói uma identidade coletiva que põe em relevo o inconsciente coletivo. Segundo Hall (2000) obtém-se três conceitos diferentes de identidade a partir do sujeito: do Iluminismo, que trata a identidade como seu centro essencial, seu caráter, o seu “eu” interior. O pós-moderno que diz que absorvemos

identidades temporárias devido à alienação imposta pela globalização e sua impessoalidade, e o sociológico – que será utilizado como base neste estudo.

Para o autor, a concepção de identidade do sujeito sociológico diz que:

A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2000, p.11).

Partindo desta definição entende-se que o indivíduo necessita da sociedade com suas interações sociais amplas – assim como o contrário – para que seja estabelecida uma identidade. Ele se projeta a essa sociedade, ao mesmo tempo em que interioriza valores e significados dela que passam a fazer parte dele.

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural [...] Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial (HALL, 2000, p.47).

A cultura de uma nação é transmitida através dos anos pelas diferentes gerações que ali habitam. São atividades e sistemas de símbolos que são passadas não só de pais para filhos, mas também pela própria sociedade. Ao nascermos em determinado país, passamos a fazer parte de um sistema já existente por muitos anos, e à medida que vamos nos formando como pessoa humana, pensante e produtora dentro desta sociedade, interiorizamos toda a simbologia que compõe este sistema e assim nos sentimos pertencentes a uma cultura e nos identificamos com/e através dela.

Cabe ressaltar que por mais antiga que seja uma cultura ela dificilmente se apresenta hoje tal e qual seus primórdios. Apesar de muitas manterem sua essência e buscarem estar sempre próxima as suas tradições e valores, com certeza houve modificações ao longo do tempo, pois diversos fatores contribuem para sua transformação.

Segundo Jacks (2003, p.18) “cultura é da ordem da práxis e está ligada a vivência cotidiana. É fruto da ação, a qual dá orientação e significação para as representações simbólicas”. Ou seja, as práticas devem sempre se adequar ao

momento vivido e assim acompanhar a transformação da sociedade e do mundo em geral.

As culturas nacionais se constituem em uma das principais fontes da identidade cultural, pois fazem com que os mais diferentes indivíduos em termos de classe, gênero e raça sejam unificados em torno de um sistema social que os identifica como pertencentes a uma mesma e grande identidade nacional. Porém, dentro de um mesmo país são percebidas diferentes culturas, que geralmente são demarcadas pela região onde se vive ou pelos ancestrais que ali habitaram em tempos passados, fundando a sociedade em questão. Estas são as outras vertentes da identidade: as culturas locais, ou regionais. A soma destas diversas culturas que muitas vezes possuem grandes diferenças entre si, reforça a idéia de que uma cultura nacional une a sociedade em torno de uma identidade única. Percebe-se isso quando vemos o sentimento nacionalista de indivíduos pertencentes a regiões com culturas locais destoantes como por exemplo no Brasil, um país com imensa área territorial e uma mescla de culturas que formaram a sua identidade.

Com a modernidade e o alcance “palpável” aos diferentes sistemas culturais, seria fácil concluir que as influências recebidas que fizeram com que o mundo desenvolvesse uma cultura global, viriam a praticamente extinguir com as nacionais e mais facilmente as locais. Porém, vemos hoje tendências muito passageiras, modismos que vem e vão em um curto espaço de tempo. São as chamadas identidades temporárias que mesmo sendo assumidas pelos indivíduos, não estão substituindo a sua identidade original. E mais, acabam fortalecendo as identidades locais. O sujeito acompanha a modernidade, porém faz questão de não perder a sua essência cultural.

Mas o que faz com que uma produção social vire uma tradição, uma cultura? É muito difícil que hoje se obtenha registros de como surgiram os sistemas de símbolos que formaram as sociedades. Porém encontram-se evidências através do que foi sendo passado pelas gerações e pela história, de como se formou uma determinada cultura. É um fenômeno social que acaba criando uma memória herdada. São elementos que vivenciados ou não, passam a ser revestidos por uma importância significativa, individual ou coletiva, que formam a identidade do conjunto, a memória coletiva. Cria-se uma projeção de um passado com o qual se identifica como se realmente tivesse ajudado a construir.

A memória cultural é a principal fonte de manutenção de uma identidade. Claro que se tem toda a história documentada que dá o embasamento de uma formação social, mas vai-se além. Tem-se estórias, narrativas, cenários, símbolos, representações, rituais que dão sentido à nação e a conecta ao seu passado. E ainda são utilizados artifícios inventivos que reforçam estas crenças culturais e as tradições, como a criação de mitos que reforçam as interpretações que se dá a este passado tão próximo.

...os *personagens* tornam-se mitos privados – no sentido de eleger-se um personagem para simbolizar a encarnação de interesses mesmo que políticos, de pensamentos privados, de iguais para seus iguais. [...] Memória devidamente conciliada que faz a todos [...] se sentirem herdeiros daquela história (PIPPI, 2005, p.16).

Mais uma vez é prudente ressaltar que por ser a memória um fenômeno diretamente ligado à cultura, ela também está sujeita a transformações. Apropriam-se de fatos para suprir a necessidade de dar respostas sobre as origens através de um passado que é impossível lembrar, mas que está tão vivo para as pessoas, como se realmente tivessem feito parte dele. “É como se o dever da memória fizesse da cada um o historiador de si mesmo” (PIPPI, 2005, p.17) e assim, como sujeito – sociológico, ao externar suas memórias e absorver as da sociedade mantém-se o ciclo que faz com que as memórias passem a ser coletivas fortalecendo a identidade cultural de um grupo /nação.

A memória hoje, mais que solidificar, é o que recupera estas identidades culturais na pós-modernidade. Soma-se a mais individual das lembranças, a mais íntima das experiências com o sistema de referências, valores, linguagens e práticas culturais que são coletivos, suprindo essa necessidade que o século XX impôs de busca pelas origens e tradições, e consequentemente sua manutenção e salvaguarda.

Abordando o conceito do termo *memória* como “faculdade de reter as idéias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente, através de um dispositivo em que informações podem ser registradas, armazenadas, conservadas, e posteriormente recuperadas” (PIPPI, 2005, p.9), podemos relacionar a memória, somada à identidade, como categoria fundamental na área do patrimônio cultural e também da própria história. Qualquer aspecto ou detalhe que remonte esta história é

essencial. Sendo assim o patrimônio cultural é algo de muita relevância para qualquer povo.

A identidade cultural de uma sociedade é formada por todo e qualquer material produzido por ela, seja nos costumes diários que são passados de geração a geração, seja nas artes, na formação intelectual, nas estruturas da cidade e povoados, entre outros. Portanto, manter um patrimônio é como ter uma prova concreta de algo sobre esta sociedade. Toda esta “herança cultural” reforça e alimenta as relações sociais e é de especial importância na constituição da sua identidade cultural, da sua projeção como uma nação perante toda a sociedade.

1.1. A Manifestação nativista como mediadora da identidade gaúcha

A formação de uma cultura regional é determinada pela união de todos os níveis de manifestações de uma determinada região que caracterizem sua realidade sociocultural. Essas manifestações segundo Jacks (2003) incluem as de caráter “erudito”, “popular” e “massivo”, por acreditar-se que estas instâncias do aspecto cultural estão historicamente imbricadas pelas determinações dos processos de industrialização e urbanização, às vezes mediados pela indústria cultura². Assim considerada, essa noção permite refletir a ideia de que a cultura de uma região não expressa apenas o nível da cultura “popular”, pois também a cultura dominante possui características de inserção na região.

As culturas regionais têm por característica, entre outras coisas, serem fortes e tradicionais. No Rio Grande do Sul, como em outros estados do Brasil, não é diferente, e isso se percebe em praticamente tudo que se faz. Culinária, trajes típicos, músicas entre outros, são elementos da cultura que fazem parte do dia-a-dia deste povo. A manifestação cultural de um povo é a forma de expressar a sua identidade cultural, e no Rio Grande do Sul vem acontecendo há 40 anos um movimento que desde seu início vem buscando fortalecer e manter uma identidade a partir de um passado tradicional: o nativismo.

A cultura regionalista gaúcha caracteriza-se por uma busca constante da manutenção de suas raízes, mesmo nos tempos globalizados que se vive. Apesar

² Para a autora “indústria cultural é a criação, produção e distribuição de produtos culturais destinados ao grande público”.

das transformações sofridas ao longo do tempo, algumas tradições³ marcantes ainda são identificadas.

Quanto aos aspectos ideológicos instaurados em toda a produção cultural, e que no caso em questão podem referir-se ao “mito do gaúcho”, Jacks (2003, p. 20-21) citando alguns estudos, diz que ele foi construído desde muito tempo pela literatura e pelas historiografias oficiais,

uma das características básicas é o enaltecimento de um passado guerreiro, onde o historiador busca nas lutas fronteiriças com os castelhanos vitórias grandiosas, lances de heroísmo e, dominando o cenário de pampa, ‘verdadeiro campo de batalha’, encontra-se a figura altaneira, viril e destemida do gaúcho, ‘centauro dos pampas’, ‘monarca das coxilhas’.

A partir destes pressupostos, a origem do povo gaúcho está ligada ao campo, a vida campeira – laçar, domar e marcar potro, conduzir tropa e sair para a faina diária quebrando a geada nas madrugadas de inverno. A virilidade passou a ser a qualidade mais exigida e apreciada do gaúcho, porém, em algumas regiões do estado os grandes estancieiros da época não descuidaram da educação de seus filhos homens que na maioria das vezes, eram mandados para a Europa para estudar. Aqueles que não saíam do país estudavam no Rio de Janeiro, na época ainda capital do Brasil. Estes voltavam formados, cultos, alguns doutores, mas na volta o seu lugar já estava definido pelo pai: a frente dos seus negócios – estância que podia ser de criação de animais, charqueadas⁴, ambas e entre outras.

A figura do gaúcho, alimentada e enriquecida pela legenda, ia projetar-se no tempo e ganhar espaço, já agora liberta de seus caracteres primitivos, e acabaria como uma espécie de mimetismo sociológico, absorvendo na sua estrutura moral todos os rio-grandenses identificados com a terra não só por filiação histórica, mas ainda por aculturação ou adesão afetiva (VELLINHO, 1969, p. 62).

Muitas peculiaridades da cultura regionalista gaúcha vêm desta época, tornando-se hoje elementos fundamentais na sua construção.

³ Quando se instaurou o tradicionalismo sentiu-se a necessidade de buscar nas características do povo que formou o estado, bem como nos colonizadores, formas de relações, costumes e crenças. Vale ressaltar que estas tradições que hoje são encontradas na cultura do Rio Grande do Sul foram produzidas em dado momento – baseada nos conceitos de Eric Hobsbawm – por pesquisadores como Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, apoiados nestas características.

⁴ Estabelecimento onde se dá o tratamento da carne no qual ela é desmarchada em mantas e é seca ao sol em varais, depois de bem salgadas. Deu origem a principal indústria nascida nas estâncias – a do charque.

Plantio, criação de animais, trabalhos domésticos e a indústria caseira formaram as primeiras relações de produção desenvolvendo a economia local.

A alimentação era quase toda extraída da propriedade, lavoura e de animais – as diversas maneiras de assar partes especiais do animal apuraram o gosto do churrasco.

Como bebida, começou bem cedo o largo uso do MATE. Ele foi também o principal veículo dos remédios com propriedades genéricas de certas ervas (chás) descobertas ou reveladas pelos índios e negros. Toda a medicina do gaúcho cabia na sua cuia (XAVIER, 1969, p.79).

As relações sociais se davam através das festividades – principalmente as religiosas – que era quando as pessoas vindas de estâncias próximas se reuniam. Para os homens havia festas específicas como as “carreiras de cancha reta” – corrida de cavalos, geralmente organizada ao lado de um bolicho⁵, em lugar escolhido: terreno plano, com árvores capazes de dar boa sombra.

Aos poucos as pequenas junções próximas às estâncias foram se fazendo vilas, que foram se estruturando e transformaram-se em cidades. O campo por muito tempo ainda foi a maior fonte de economia, pois mesmo os estancieiros que já moravam nestas cidades, mantinham a estância e sua produção.

A mudança brusca⁶ da economia do Rio Grande Sul – que de semi-feudal passou a ser pré-capitalista – é um dos motivos pelo qual o povo tenta manter suas raízes e tradição.

Durhan, citado por Jacks (2003, p.22) diz que:

As culturas regionais, como tudo no âmbito da cultura, possuem elementos de inovação e elementos tradicionais, o que constitui a dinâmica cultural, que é tão móvel e ambígua quanto a sociedade em que está inserida. Assim, a morte de certos padrões culturais apenas significa que as situações que lhes deram origem não mais existem ou foram alteradas para enfrentar novas situações.

Foi visto que a cultura nasce da relação dos homens com ele mesmo e com o ambiente em que está inserido, e que destas relações nascem elementos que caracterizam muito cada cultura.

⁵ Pequeno comércio de beira de estrada onde se vende produtos diversificados.

⁶ No Rio Grande do Sul esta passagem, que na Europa durou mais de cinco séculos, foi de menos de dois séculos. (XAVIER, 1969)

Estes elementos se encontram em várias segmentos, como na dança, na vestimenta e objetos, na música, na literatura, no vocabulário e nos movimentos populares.

Como em todas as regiões do Brasil, o Rio Grande do Sul possui o seu sotaque próprio, caracterizado por um tom de voz mais forte com acentuação em letras como o “r”. E dentro disto, encontram-se palavras – vocábulos – e expressões próprias que denunciam a cultura. Um exemplo forte destes vocábulo é o “Tchê” ou “Chê” palavra derivada do guarani “che” que significa meu/minha, meus/minhas. Utilizado para se dirigir ao próximo seja ele amigo ou estranho.

Homem do campo, rústico, cheio de causos – contos, histórias – de guerras e batalhas. É este homem que a literatura gaúcha apresenta em suas escritas. Para Cesar (1969, p.233) o

sentimento da natureza, estimulado pelo fluxo romântico, fez que os gaúchos buscassem com fervor as marcas da sua originalidade crioula. (...) O pampa, a atividade pastoril, as lutas de fronteira, quer dizer – a sociedade formada em função da estância e da guerra passou a deter a preferência, enquanto tema, de prosadores e poetas. Essa busca de motivos campeiros, centrada no “gaúcho”, no herói em vias de mitificação, (...) veio assim encontrar na Campanha a sua mina quase exclusiva de assuntos – da motivação à linguagem. Estava finalmente implantado o regionalismo.

Exemplos estão na trilogia de Érico Veríssimo “O Tempo e o Vento” (1949) que conta a saga de uma família gaúcha desde as missões jesuíticas, passando pela Revolução Farroupilha até Getúlio Vargas; nos Contos Gauchescos (1912) de Simões Lopes Netto nos quais se encontram muitos feitos, estórias de bravura e romance de campo. Será da literatura que surgirá a base das poesias encontradas nas músicas regionalistas do povo gaúcho.

A música mais representativa da alma popular nativista é a campeira. Nesta linha encontram-se diversos ritmos como chamarra, polca, valsa, rasgado, vaneira, entre outros. Com influência direta da fronteira – uruguai e argentina - tem-se ritmos como a chacarera, o chamamé e a zamba. O nativismo, movimento que será estudado adiante, é basicamente um movimento musical e que tem nos festivais nativistas seus principais eventos.

1.2. O Movimento nativista e o ciclo dos festivais

A música é uma forma de arte que constitui-se basicamente na combinação sucessiva de sons e silêncios. Construída através da prática humana é considerada como uma produção artística e cultural.

A significância e até mesmo a definição da música variam de acordo com a cultura e o contexto social.

Med (1996, p.9) diz que “a música não é apenas uma arte, mas também uma ciência”. Pode-se intuir esta afirmação que não apenas uma ciência no sentido da palavra, mas que se bem trabalhada pode ser fonte de informação, crítica, educação e não apenas entretenimento.

A década de 1970 no Brasil foi um marco na história política e social. Em meio a uma ditadura e muita repressão, viu-se surgir inúmeros festivais de música – muitas delas de protestos – pelo país. Música popular brasileira era o que se produzia. No Rio Grande do Sul, também se realizou festival voltado à produção de músicas populares. Entretanto a música regionalista gaúcha não emplacou neste meio, apesar de ser, sobretudo, popular e brasileira. O regionalismo foi um dos motivos dados para que estas músicas não aprovavam nestes festivais.

Júlio Machado da Silva Filho e Colmar Duarte inscreveram, no I Festival da Canção Popular da Fronteira, uma milonga chamada *Abichornado* [...] mesmo tendo ouvido de amigos que faziam parte da organização do evento, que sua canção não seria classificada por se tratar de coisa regional, o que efetivamente aconteceu (SANTI, 2004, p.56).

Após o episódio, Colmar Duarte inconformado com a desclassificação e pelo fato de terem classificado uma canção com letra em espanhol e outra que tinha como tema a seca do Nordeste brasileiro, teve a ideia de fazer um festival que aceitasse apenas canções regionalistas gaúchas. Foi a partir desta ideia inicial que em 1971 na cidade de Uruguaiana nascia a *Califórnia da Canção Nativa*, o primeiro festival de música regionalista gaúcha do Rio Grande do Sul, surgindo assim o Movimento Nativista.

Na contracapa do disco da I Califórnia da Canção Nativa encontra-se a explicação pela escolha deste nome:

[...] vem do grego, [e] significa “conjunto de coisas belas”. No RS, chamaram-se “califórniás” as incursões que Chico Pedro, na Cisplatina, a fim de resgatar os bens de brasileiros lá radicados que sofriam perseguições (1850). Mais tarde, “califórnia” passou a designar corrida de cavalos da qual participassem mais de dois animais [...]. Com as significações de “conjunto de coisas belas” e “competição entre vários concorrentes em busca de grandes prêmios” foi que o nome CALIFÓRNIA DA CANÇÃO NATIVA prevaleceu entre seus idealizadores.

Nativismo segundo Rebouças (2009), é toda ação que procure valorizar a cultura de um lugar, em relação à imposição de uma cultura externa, em geral dominante. O nativismo faz-se sentir especialmente na história dos povos que foram colonizados por outros, muitas vezes através de revoltas e motins, culminando mais adiante na própria emancipação - ou na completa aculturação.

Assim, o nativismo é um movimento predominantemente musical, desencadeado pela criação de festivais de cunho nativistas na década de 1970, que alcançou seu auge nos anos 1980. Apesar de inspirado nas raízes campeiras, e ter se disseminado em diversas vertentes⁷, foi um movimento urbano. Os adeptos do movimento se concentram principalmente em festivais (diferente dos tradicionalistas, que se concentram em CTG's – Centro de Tradições Gaúchas), e é um movimento formado por músicos que buscam mostrar um trabalho profundamente ligado as raízes da cultura gaúcha (Fig. 1).



Figura 1 – 4ª Capela da Canção Nativa/2009 (Pirisca Grecco, Leonardo Paim e Clarissa Ferreira). Foto Sabrina Marques.

⁷ Dependendo da região do estado nomearam-se estilos diferentes na música nativista: litorânea, urbana, campeira, e entre outras.

Embora o seu significado não tenha sido definido antes da sua popularização, o nativismo ganhou proporções que o fizeram entrar em confronto com o tradicionalismo. A polêmica entre tradicionalistas e nativistas foi desencadeada pelos primeiros em vista da dimensão conquistada pelos últimos, pois prejudicavam o controle ideológico do Movimento Tradicionalista. Segundo Oliven (1992), em 1986, uma década após o surgimento do nativismo, os jornalistas Juarez Fonseca e Gilmar Eitelvein, arriscaram uma definição ampla do movimento:

Não se pode dizer que exista de direito um Movimento Nativista, mas é inegável que ele existe de fato. O nativista não é dogmático, não está ligado a critérios pré-estabelecidos [...]. Em música, quer experimentar, criar sem que alguém lhe esteja permanentemente avisando que tal coisa pode e tal não pode [...]. Os nativistas querem vestir-se como gostam, e não segundo cânones e figurinos tradicionalistas (apud SANTI, 2004, p.23).

Os tradicionalistas mais radicais não admitem o fato de existir outro movimento do porte do Tradicionalista acontecendo paralelamente, dizem que o Nativismo não existe como movimento, que é apenas uma derivação do criado por eles em 1948. Paixão Côrtes, um dos mais famosos tradicionalistas diz que:

Se hoje existe esta corrente musical-poética-jornalística intitulada Nativismo, ela não é nada mais, nem menos, do que uma decorrência dos hábitos e dos costumes que o Movimento Tradicionalista criou para desenvolver. [...] O que há, são pessoas que vivem em Porto Alegre, que fazem a vida noturna da cidade, que participam dos festivais, que se autodenominam nativos, mas que não sabem nem as origens da terra onde nasceram e vivem tocando em bares e festivais (apud JACKS, 2003, p.58).

Porém alguns tradicionalistas como Barbosa Lessa e Antônio Augusto Fagundes, já tratam o nativismo com menos aspereza. Fagundes (1997, p.38) define o nativismo como “o amor que a pessoa tem pelo chão onde nasceu, onde é nato. [...] A arte que nasce da terra”. Ou seja, ele o aproxima mais da natureza do que da cultura.

Já para Lessa (1985, p.22) não há diferença essencial entre os movimentos tradicionalista, no qual participou da fundação na década de 40, e o nativismo. “Este é mera atualização daquele, tendo incorporado boa parte das transformações culturais porque passou o mundo nas três décadas que os separam, o que não é pouca coisa”.

Ambos os movimentos persistem até hoje. Segundo Jacks (2003) o tradicionalismo não ocupa mais o mesmo espaço de antigamente e o nativismo ganha cada vez mais adeptos, principalmente vindos do MTG. Também é importante ressaltar que muitos gaúchos participam dos dois movimentos sabendo diferenciar e respeitar cada qual com os seus fundamentos, pois apesar de terem ideias diferentes são parte da mesma cultura: a gaúcha.

A música nativista no Rio Grande do Sul, segue um tipo de covenção que a separa do conceito de nativismo que como defende o tradicionalista e antropólogo Augusto Fagundes (1997) é “a arte que nasce da terra”, ou seja, independente de ritmos e gêneros, toda música que retrate o amor pelo local onde é nato, ou que retrate este local é nativista, o que não vemos no caso da música tida como manifestação cultural do Rio Grande do Sul, pois para ser definida dentro do nativismo ela deve seguir certos ritmos e padrões definidos. O regulamento da V Califórnia da Canção Nativa (1975) diz que música do Rio Grande do Sul é: “aquel que evidencia o tema da terra gaúcha, fundada em seus ritmos folclóricos”. Estes por sua vez seriam conjuntos de gêneros específicos de canção dados como característicos do estado por pesquisadores como Barbosa Lessa e Paixão Côrtes.

Os festivais nativistas, como já foram citados anteriormente são os principais agentes da difusão e divulgação da música nativista. Dos festivais nativistas surgiram instrumentistas, compositores e especialmente intérpretes - solistas ou em grupos que, pouco a pouco, vão fazendo suas carreiras. Nunca é demais repetir que a pujança musical gaúcha é imensa com centenas de profissionais, tanto os que participam ciclicamente dos festivais - cada vez com premiações mais atraentes⁸, como fazendo shows/apresentações em feiras, ginásios e em teatros (Fig. 2).

⁸ Como exemplo temos o festival “O Rio Grande canta o Cooperativismo” onde o primeiro lugar além do troféu recebe uma quantia de R\$7.000,00 e a “Sapecada da Canção Nativa” de Lages/SC que premia o seu ganhador com R\$ 12.000,00. Além destes a premiação ainda se estende a segundo e terceiro colocado e prêmios especiais como melhor intérprete, instrumentista, melhor poesia, melhor melodia e entre outros.



Figura 2 – 4 ª Capela da Canção/2009 (Vitor Manzke e Raineri Spohr). Foto Sabrina Marques.

Aramis Millarch, jornalista especializado em música e cinema do Brasil, escreveu vários artigos sobre o nativismo gaúcho. Segundo ele uma prova de como um movimento musical, bem estruturado, cresce e se impõe é que hoje já passam de cinquenta os festivais nativistas que acontecem no Rio Grande do Sul. “A partir da primeira Califórnia, em Uruguaiana, o *boom* nativista se espalhou pelos principais municípios e praticamente todos os eventos ganharam registros em discos, estimulando compositores, cantores e instrumentistas - muitos dos quais hoje nomes nacionais (Kleiton & Kledir, Renato Borghetti, entre outros) que tiveram seu começo musical dentro dos festivais” (MILLARCH, 1992).

“A música, escrita pelo compositor, para ser percebida pelo ouvinte, necessita de um intermediário, ou melhor, de um intérprete” (MED, 1996, p.9).

Alguns dos nomes mais expressivos da música nativista ajudaram a escrever a história dos festivais, tais como: Borguetinho, Neto Fagundes, Luiz Marenco, João de Almeida Neto, Délcio Tavares, Daniel Torres, Joca Martins, entre outros.

Os músicos nativistas em sua maioria são músicos de festivais, pois apenas uma pequena parcela destes consegue levar para outros palcos a sua arte. E mesmo com carreiras solo, muitos ainda são frequentadores ativos dos festivais por acreditarem que eles ainda são os maiores difusores da questão nativista.

Além disso, é válido ressaltar o intercâmbio cultural que os festivais possibilitam, pois são aceitos além de obras de artistas gaúchos, músicas oriundas

de todo o Cone Sul⁹. Sendo assim, a troca de experiências entre artistas de todos os cantos do estado e alguns de fora dele, dão o caráter dinâmico desta manifestação que mesmo pretendendo preservar uma identidade regional aceita as transformações que devem ocorrer, pois cultura, como já foi dito, não é algo estático e está sempre sujeita a modificações.

⁹ Argentinos e Uruguaios são os principais representantes dos países que formam o Cone sul nos festivais nativistas, além de brasileiros de outros estados como Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso.

2 Patrimônio Cultural Imaterial

Há uma grande movimentação mundial em torno da importância da preservação das construções e pertences passados através das gerações que compõem uma nação. Esta preocupação veio dar conceitos e nomes a estes produtos culturais materiais e imateriais adotando o nome de Patrimônios Culturais.

Estes seriam divididos em três categorias de elementos: recursos naturais – meio ambiente; elementos não tangíveis/imateriais – conhecimentos, técnicas, saberes; e os materiais – objetos, artefatos e construções obtidos através do meio ambiente e dos saberes fazer.

No Brasil, antecipando o cenário mundial, esta preocupação data do início do século XX quando Mário de Andrade em 1936 realizou um projeto de valorização onde apresentou a realidade atual dos patrimônios nacionais que estavam abandonados. Neste projeto, Mário de Andrade se preocupou em pesquisar e dividir mais profundadamente este bens que ele simplesmente chamava de “obras de arte” explicando que: “arte é uma palavra geral, que neste seu sentido geral significa a habilidade com que o engenho humano se utiliza da ciência, das coisas e dos fatos”. (LEMOS, 1988, p.39).

Estas obras de arte, segundo Lemos (1988), foram agrupadas em oito categorias, onde em cada uma foram colocados uma série de itens como se pode ver na tab. 01 a seguir.

Tabela 01 – Categorias das Obras de Arte.

1. Arte Arqueológica 2. Arte Ameríndia	<p>Englobava objetos, como fetiches, instrumentos de caça, de pesca, de agricultura, objetos de uso doméstico, veículos, indumentária, jazidas funerárias, sambaquis, inscrições rupestres e, inclusive, elementos das paisagens, do meio ambiente. Também estavam incluídos os vocabulários, os cantos, as lendas, as magias, a medicina e a culinária dos índios, etc.</p>
3. Arte Popular	<p>Entre variados tipos de artefatos do povo, inclui a arquitetura, falando de múltiplas construções, como capelinhas de beira de estrada, de agrupamentos de mocambos do Nordeste. Folclore em geral e tudo que interesse principalmente à etnografia.</p>
4. Arte Histórica	<p>Variedade disponível de bens culturais, “que de alguma forma refletem, contam, comemoram o Brasil e a sua evolução nacional”. Ruínas, igrejas, fortés, solares, etc. Exemplares típicos representativos das diversas escolas e estilos arquitetônicos que se refletiram no Brasil. Artefatos e iconografias, tanto nacional como estrangeira alusiva a fatos brasileiros, como gravuras, mapas, porcelanas, livros, impressos</p>

	etc. “referentes à entidade nacional em qualquer dos seus aspectos, História, Política, costumes, Brasil, natureza, etc”.
5. Arte erudita nacional 6. Arte erudita estrangeira	Incluía “todas e quaisquer manifestações de arte”, de artistas nacionais ou estrangeiros, num amplo leque de abrangência.
7. Artes aplicadas nacionais 8. Artes aplicadas estrangeiras	Estariam classificadas todas as manifestações ligadas ao mobiliário, à talha, tapeçaria, joalheria, decorações murais etc.

Fonte: LEMOS, 1988.

Todo o trabalho sistematizado que foi realizado pelo intelectual, veio a ser divulgado e realmente utilizado como referência, apenas recentemente quando os órgãos internacionais começaram um movimento de interesse da preservação do patrimônio cultural mundial. Para a época, o projeto foi inovador, pois até então não havia nem nos órgãos públicos uma estrutura administrativa e verbas que pudessem contemplar e ocupar-se com estas questões. A partir daí, no Brasil, passou-se a organizar setores que estivessem ligados diretamente aos interesses dos patrimônios culturais.

Na esfera mundial o projeto de Mário de Andrade também serviu como base nas convenções e resoluções que começaram a surgir. O interessante deste trabalho é que numa época onde a grande preocupação era sobre os objetos materiais, principalmente os arquitetônicos, “Mário incluía tudo, queria “catalogar” todas as manifestações culturais do homem brasileiro, não só os artefatos, mas também registrar a sua música, seus usos, costumes, assim como o seu ‘saber’, o seu ‘saber fazer’” (LEMOS, 1988, p.41).

Entendendo que esta série de elementos é importante para remontar a história de uma sociedade formando sua memória social, as comunidades e seus governos começaram a tomar iniciativas que os levaram a, oficialmente, promover a preservação dos chamados Patrimônios Históricos e Artísticos, sempre seguindo as recomendações internacionais via acordos culturais regidos pela UNESCO.

A preservação é uma forma de contar a história através de objetos, saberes, documentos, entre outros.

Se devemos preservar as características de uma sociedade, teremos forçosamente que manter conservadas as suas condições mínimas de sobrevivência, todas elas implícitas no meio ambiente e no seu saber (LEMOS, 1988, p.25).

Percebeu-se a relevância dos elementos os quais, a preservação e salvaguarda, interessem diretamente a identidade cultural das sociedades, dando prioridade não somente aos recursos materiais mas também a todos outros não tangíveis ligados ao conhecimento, técnica, arte e saber.

As reflexões em torno dos patrimônios tornaram-se cada vez mais complexos e em 1988 a Constituição Brasileira “explicita que o patrimônio cultural brasileiro é constituído de bens materiais e imateriais” (FALCÃO, 2008, p.5). Desde então se notou a necessidade de um tratamento diferente aos elementos ditos imateriais, como já havia sido sugerido por Mário de Andrade. A partir de então foram acontecendo a nível mundial encontros, seminários e convenções que culminaram em estratégias e instrumentos que tratam apenas da identificação, proteção e promoção destes processos e bens

‘portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira’ (Artigo 216 da Constituição), considerados em toda a sua complexidade, diversidade e dinâmica, particularmente, as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas, com especial atenção àquelas referentes à cultura popular (CARTA DE FORTALEZA, 1997).

Estas ações culminaram – no Brasil, em 2000 – com a criação do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, e a nível mundial, em 2003, com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da UNESCO que traz no seu artigo 2º a conceituação dos PCI’s como:

[As] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante do seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua relação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Nos pontos a seguir será apresentado mais especificamente os órgãos que passaram a trabalhar com o PCI e suas estratégias e instrumentos que visam à manutenção e promoção destes bens.

2.1. Órgãos mundiais, federais, estaduais e municipais

O grande órgão mundial que trabalha em prol de bens que constituem uma identidade cultural e que são importantes para toda humanidade é a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Dentro dos temas culturais tratados pela organização pode-se destacar a Diversidade Cultural, o Patrimônio Mundial e o Patrimônio Imaterial. Mais objetivamente, a UNESCO, no atual biênio 2010 – 2011, destaca no seu programa na área da cultura cinco eixos de ações que podem ser encontrados no sítio da organização¹⁰. São eles:

- a) Proteção e conservação dos bens culturais imóveis e dos bens naturais, em particular mediante uma aplicação eficaz da Convenção do Patrimônio Mundial;
- b) Salvaguarda do Patrimônio vivo, especialmente mediante a promoção e aplicação da Convenção de 2003;
- c) Fortalecimento da proteção dos objetos culturais e da luta contra o tráfico ilícito dos mesmos, em particular mediante a promoção e aplicação das Convenções de 1970 e 2001, e o desenvolvimento dos museus;
- d) Proteção e promoção da diversidade das expressões culturais mediante a aplicação da Convenção de 2005 e o desenvolvimento das indústrias culturais e criativas;
- e) Integração do diálogo intercultural e a diversidade cultural nas políticas nacionais.

A UNESCO surge ao fim da II Guerra Mundial em 1945 quando é realizada uma Conferência das Nações Unidas para o estabelecimento de uma organização educativa e cultural. Preocupados com o surgimento de uma nova guerra e impulsionados pela França e Reino Unido, os representantes de 37 países presentes, resolvem criar uma organização destinada a instituir uma verdadeira

¹⁰ <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/home> - Representação no Brasil
<http://www.unesco.org> - Oficial

cultura de paz, que devia estabelecer a “solidariedade intelectual e moral da humanidade”. A constituição da UNESCO entra em vigor a partir de 1946 e é ratificada por 20 países estando o Brasil entre eles.

A sede da organização se encontra em Paris – França, porém possui escritórios espalhados diversos países. No Brasil o Escritório da UNESCO encontra-se em Brasília/DF.

No Brasil, uma lei de 13 de janeiro de 1937 reorganizou o Ministério da Educação e criou o “Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Apesar de partir de uma recomendação do projeto de Mário de Andrade percebe-se que seu texto não foi seguido como deveria, “porque no próprio nome da entidade destinada à defesa do ‘patrimônio’ se distinguiam bens ‘artístico’ dos ‘históricos’ e só” (LEMOS, 1988, p.42).

O organismo federal na época foi confiado a intelectuais e artistas brasileiros ligados ao movimento modernista como: Oswald Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Após alguns anos a instituição passou por reformulações vindo a se chamar Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), hoje ligado ao Ministério da Cultura. Mário de Andrade foi um de seus diretores ficando no cargo de 1941 a 1945 na regional de São Paulo.

Atualmente o IPHAN possui Superintendências Estaduais as quais compete a “coordenação, o planejamento, a operacionalização e a execução das ações do Iphan, em âmbito estadual” (DOU, 2009). Todos os 26 estados possuem representação da instituição. No Rio Grande do Sul a Superintendência do IPHAN localiza-se em Porto Alegre.

Tratando especificamente da preservação do Patrimônio Cultural Imaterial, a principal estrutura governamental encontra-se na esfera federal, ligada ao Ministério da Cultura. É o Departamento do Patrimônio Imaterial do IPHAN (DPI). Dentro do departamento ainda encontra-se como “uma unidade especial e descentralizada, o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP). Compõem-no uma Gerência de Identificação [...]; uma Gerência de Registro [...]; e uma Gerência de Apoio e Fomento [...]” (FALCÃO, 2008, p.10). O departamento conta ainda com o Comitê Gestor do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial.

Fora da esfera patrimonial, várias outras instituições ocuparam-se, nestes 60 anos, com a documentação das manifestações ligadas à cultura tradicional e

popular, entre as quais se destaca a Coordenação de Folclore e Cultura Popular, que era ligado à Funarte. A instituição foi reformulada e passou a integrar o DPI do IPHAN. Trata-se do CNFCP citado acima que vem realizando desde sua criação, ainda na Funarte,

importante trabalho de conservação, promoção e difusão do conhecimento produzido pela cultura popular e sobre ela, desenvolvendo ainda ações de apoio às condições de existência dessas manifestações e mantendo um extraordinário acervo sobre o tema (MINC/IPHAN, 2006, p.15).

Todos os estados da federação, além das superintendências do IPHAN, possuem institutos, fundações ou conselhos de preservação normalmente vinculados às secretarias de estado de Cultura.

No embalo destas políticas, governos estaduais criaram mecanismos de reconhecimento, e no Rio Grande do Sul não foi diferente. Desde 1954 o estado já conta com instituições ligadas a defesa do patrimônio arquitetônico e cultural, além de estudos e difusão do folclore. Primeiramente foi criado a Divisão de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, ligada à Secretaria da Educação e, em 1990, com a criação da Secretaria de Estado da Cultura as divisões e coordenadorias foram transformadas em institutos. Surgiu assim o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado – IPHAE, órgão este que trabalha diretamente ligado as políticas públicas voltadas ao patrimônio. Apesar de até o ano de 2010 o IPHAE já ter cadastrado mais de 106 bens, incluindo-se os tombamentos ambientais, o estado não conta com o registro de nenhum bem imaterial salvaguardado através destas políticas.

O IPHAE realiza convênios com os municípios “auxiliando – os na implementação de legislações municipais de tombamento e desenvolvendo ações de proteção do patrimônio cultural em parceria com os municípios, o IPHAN e as associações civis” (www.iphae.rs.gov.br).

Desde 1980, tem sido crescente a implantação dessas estruturas em nível municipal. Atualmente, organismos de preservação estão em funcionamento em todas as capitais e em muitas cidades. Em Pelotas/RS, por exemplo, junto a Secretaria Municipal de Cultura (SECULT), existe a coordenadoria de Memória e Patrimônio que é responsável pela preservação do acervo arquitetônico histórico e

cultural, desenvolvendo ações de inventários, levantamentos, projetos de intervenções e educação patrimonial, entre outros.

Contudo, salvo algumas exceções, o trabalho voltado para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, nos planos estadual e municipal, ainda é incipiente e carente de organismos específicos. Assim, uma das metas da política federal de salvaguarda do patrimônio imaterial é o apoiar as instâncias estaduais e municipais na montagem de suas estruturas institucionais e na criação de seus instrumentos de atuação (FALCÃO, 2008, p.10).

Além de projetos para o Patrimônio Cultural material, a SECULT auxiliou em trabalhos diretamente voltados ao Patrimônio Imaterial como o livreto “Patrimônio Vivo” da Série Preservação e Desenvolvimento Monumenta. Todos estes em conjunto com o governo do estado e o IPHAN.

Já no município de Uruguaiana/RS, seguindo as legislações específicas, o poder público realiza tombamentos – com o objetivo de preservar os bens de valores históricos, culturais, arquitetônicos e ambientais – focando mais os bens materiais.

Como citado acima, mesmo com a grande investida do poder público federal apoiando e incentivando a criação e implantação de setores e ações em prol dos Patrimônios Culturais, ainda há muito que realizar sobre o assunto, principalmente em conjunto com os órgãos municipais.

2.2. Legislação e instrumentos de salvaguarda

A principal preocupação no que diz respeito ao porquê preservar os patrimônios culturais, é a manutenção da identidade cultural e o registro pelos vários estágios pelo qual a sociedade passou. “Devemos [...] garantir a compreensão de nossa memória social preservando o que for significativo dentro de nosso vasto repertório de elementos componentes do Patrimônio Cultural” (LEMOS, 1988).

Quando se fala em preservar um bem, não se deve pensar apenas em guardar objetos, construções, monumentos. Para Lemos (1988, p.29) “preservar também é gravar depoimentos, sons, músicas populares e eruditas. [...] É manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares”.

A questão em torno do “como preservar” bens desta natureza, ou seja, os bens imateriais, apesar de já serem discutidos desde o início dos anos 30, foi ganhar

notoriedade internacional somente na década de 70, quando ocorreu em 1972 a Convenção da UNESCO para Salvaguarda do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural. Diversos países, liderados pela Bolívia, iniciaram um movimento que visava discutir formas específicas de tratamento na preservação e registro destes bens que somente após foram chamados de imateriais. No Japão, esta realidade já vinha acontecendo desde 1950, mas no ocidente ganhou cenário apenas nesta época. Após 16 anos de estudos, o resultado foi impresso na “Resolução para Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular” de 1989, que traz como definição de cultura tradicional e popular:

Conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; seus padrões e valores são transmitidos oralmente, por imitação ou outros meios. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os ritos, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes.

Percebe-se que para registrar os bens imateriais relativos aos modos de fazer, religiosidade, sociabilidade, entre outros, era necessário uma abordagem especial.

Em termos práticos, isso somente é possível por meio de ações de produção de conhecimento, de documentação, de sensibilização da sociedade, de promoção e de apoio a condições sociais e materiais de existência. Em outras palavras, por meio de mapeamentos e inventários culturais, de registros etnográficos e audiovisuais, de divulgação e da valorização dos saberes e produtos dessas manifestações (FALCÃO, 2008, p.7).

A Recomendação da UNESCO de 1989 é o documento base sobre a questão da preservação do PCI. Nele encontram-se abordagens sobre como proceder na identificação, na conservação, a salvaguarda, difusão e proteção da cultura tradicional e popular.

A identificação deve ser feita mediante a execução de inventários nacionais e a implantação de sistemas de identificação e registro [...]. A salvaguarda é entendida como a defesa das tradições contra a influência da cultura industrializada, [...]. Para tanto, considera-se importante a introdução do estudo da cultura tradicional e popular nos sistemas educativos; [...]. A conservação equivaleria à documentação, ao registro e ao acesso a dados sobre as manifestações culturais selecionadas como relevantes, incluindo-se o estudo de sua evolução e modificação (MINC/IPHAN, 2006, p.122).

Neste documento ressalta-se a importância da participação de todos os Estados, nas mais diversas esferas e das mais variadas formas.

Percebe-se que em momento algum, a Resolução fala em “patrimônio imaterial” ou “bens imateriais ou intangíveis”. Neste momento as indicações ainda são voltadas considerando que a cultura tradicional e popular carregam, igualmente, aspectos materiais e imateriais.

Este se tornou muito relevante, pois, entre suas recomendações, ressalta-se que as ações que devem ser realizadas, “incluem mas ultrapassam as meras formas de registro e documentação. Recomenda-se, claramente, a proteção econômica e o fomento a essas expressões” (MINC/IPHAN, 2006, p.123).

Após o surgimento deste documento, países europeus e orientais buscaram ajuda da UNESCO para o estabelecimento de políticas deste âmbito, e, assim, em 1995 em seminário realizado na República Tcheca, a UNESCO se comprometeu em analisar de uma maneira regional a aplicação da Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular.

A partir de então, vem-se criando diversos projetos tanto no plano internacional, quanto nos nacionais. Em 1996, a UNESCO criou o projeto “Tesoros Humanos Vivos”, direcionado aos chamados “bens culturais vivos”. Atualmente, ele é um dos carros chefes da política da organização em relação à proteção da cultura tradicional e popular.

Em linhas gerais, o sistema propõe aos Estados que, através de uma indicação de uma Comissão Especial, confirmam o título de ‘Tesouro Humano Vivo’ a indivíduos ou grupos que detenham o saber sobre significativas expressões da cultura tradicional e sejam importantes para a reprodução e transmissão às novas gerações (MINC/IPHAN, 2006, p.125).

Esta vem sendo reconhecida como uma das formas mais eficazes de proteção às tradições orais e os modos de fazer tradicionais. Países como a Coréia, Filipinas, Tailândia, Romênia e França, mediante adaptações, já adotaram sistemas semelhantes.

Ainda em âmbito internacional, as ações continuaram acontecendo. Em 1997, no México, aconteceu o Seminário Regional sobre a aplicação da Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular da América Latina e Caribe. Eventos similares ocorreram após na África, Estados Árabes, Ásia e Pacífico, assim como a UNESCO havia se comprometido.

Também de 1997 foi a instituição do Programa de Proclamação das Obras Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, no qual o Brasil tem dois bens que receberam este título: a Arte Gráfica Kusiwa, dos povos Wajápi do Amapá e o Samba de Roda do Recôncavo Baiano.

Mais recentemente surgiu o principal documento no qual se baseiam os instrumentos, inclusive do Brasil, na salvaguarda destes bens, a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO em 2003.

Todos estes documentos repercutiram fortemente no Brasil, que hoje é também uma referência mundial neste assunto. Segundo Vincent Defourny, representante da UNESCO no Brasil,

pode –se dizer que a sintonia de ordem conceitual entre as proposições da UNESCO e a posição do Brasil nesse campo é tão fina, que a experiência brasileira passa a ser destacada no âmbito do processo de elaboração da própria Convenção, que incorpora seus princípios gerais (apud CASTRO, 2008, p.7).

A primeira lei criada no Brasil foi assinada por Getúlio Vargas em 1937. Trata-se da Lei nº 25 que regulamenta a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Esta lei organiza o SPHAN, instituição do governo brasileiro que havia sido criado meses antes.

Toda movimentação parte do já citado projeto de Mário de Andrade que nos anos 30 já sinalizava a importância das políticas de preservação dos patrimônios culturais como fonte de manutenção das memórias coletivas e consequentemente da identidade cultural do povo brasileiro.

A lei nº 25 decretava como patrimônio histórico e artístico nacional, “o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”. Já o tombamento destes bens no então criado IPHAN é objeto da Lei nº 6.292 de 1975.

Em 1988, a Constituição Federal amplia a definição de patrimônio cultural no seu Art. 216. A partir de então o patrimônio cultural brasileiro passa a ser constituído por bens de natureza material e imaterial, “portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Em 1995, do VIII Congresso de Folclore Brasileiro, resultou uma das primeiras recomendações voltada à cultura popular – a Carta do Folclore Brasileiro. Apesar de ser direcionada ao folclore, ela já traz muitos preceitos seguidos após na criação dos instrumentos específicos dos bens imateriais.

O primeiro encontro do qual resultou um documento trazendo questões sobre o assunto foi o seminário Patrimônio Imaterial: estratégias e formas de proteção, realizado em Fortaleza em 1997. Dele tem-se a “Carta de Fortaleza” que discute instrumentos legais e administrativos de preservação dos bens de natureza imaterial.

[...] considerando: [...] 2. Que, em nível nacional, cabe ao IPHAN identificar, documentar, proteger, fiscalizar, preservar e promover o patrimônio cultural brasileiro; [...] 4. Que os bens de natureza imaterial devem ser objeto de proteção específica; [...] Recomenda: [...] 8. Que sejam buscadas parcerias com entidades públicas e privadas com o objetivo de conhecer as manifestações culturais de natureza imaterial sobre as quais já existam informações disponíveis; [...] 11. Que seja estabelecida uma Política Nacional de Preservação do Patrimônio Cultural com objetivos e metas claramente definidos.

Após este encontro, em 1998, foi criada uma Comissão e Grupo de Trabalho que tinha como objetivo elaborar proposta de regulamentação do instrumento do Registro do Patrimônio Cultural Imaterial. Com o desenvolvimento de uma metodologia denominada Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) e trabalhando de acordo com a definição de patrimônio cultural expressa na Constituição Federal de 1988, trouxe subsídios à formulação de políticas patrimoniais. Na sequência foi instituído pelo Decreto nº 3.551 de 2000, o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e a criação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). Nele fica decretado que o registro se fará através de quatro livros tombo, sendo eles:

- I – Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- II – Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- III – Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas as manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; e

IV – Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Além deste disposto, o Art. 2º diz que para instauração do Registro, o requerimento poderá ser apresentado “pelo Ministro de Estado da Cultura, pelas instituições vinculadas ao Ministério da Cultura, pelas Secretarias Estaduais, Municipais e do Distrito Federal e por associações da sociedade civil”. Este requerimento deverá ser sempre dirigido ao presidente do IPHAN que supervisionará os processos.

Mais dois decretos foram criados ainda em decorrência do de 2000. O de 2003, nº 4.811 – que criou o Departamento do Patrimônio Imaterial e Documentação de Bens Culturais no IPHAN; e o nº 5.040 de 2004 que criou o Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI) no IPHAN. O DPI substituiu o departamento que havia sido criado em 2003.

Em 1º de fevereiro de 2006, o Brasil aprovou através do Decreto nº 22, o texto contido na Convenção da UNESCO de 2003. Esse decreto é ratificado em 15 de fevereiro de 2006.

Considerando que a Convenção entraria em vigor internacionalmente em 20 de abril deste mesmo ano, e no Brasil, em 1º de junho também neste ano, em 12 de abril o então Presidente Luís Inácio Lula da Silva assinou o decreto nº 5.753 que institui a adesão do Brasil à Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da UNESCO, que segundo o Art 1º do decreto, “será executada e cumprida tão inteiramente como nela se contém”.

Também no ano de 2006, o presidente do IPHAN assina a Resolução nº 001 onde resolve “determinar os procedimentos a serem observados na instauração e instrução do processo administrativo de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial”.

Este documento criado em 2000 – decreto 3.551 – é atualmente o eixo em torno do qual se estrutura a salvaguarda do PCI no Brasil. O instrumento de preservação é adaptado à natureza dinâmica dessas manifestações e prima pela produção de conhecimento mediante a elaboração dos “Dossiês de Registros” que é o procedimento que deve ser realizado quando se visa inscrever uma manifestação em um dos Livros Tombo.

Este dossiê, nada mais é, que um levantamento de documentos que identifique a relevância cultural do bem para o seu contexto social e econômico; todos os elementos estruturais que constituem a manifestação cultural, assim como outras práticas e bens que lhe são associadas; além de seus atores e as relações sociais que propiciam sua existência.

O dossiê deve conter ainda exaustiva documentação fotográfica, fonográfica e audiovisual sobre o bem, com vistas ao registro, propriamente dito, de processos de produção, preparação, distribuição, circulação ou comercialização, transmissão, organização e outros que são necessários à compreensão da manifestação e de seu universo de modo global. Completam o dossiê um guia de fontes documentais e bibliográficas, o levantamento dos documentos visuais, fonográficos e audiovisuais existentes sobre a manifestação cultural e outro anexos contendo material informativo considerado pertinente (FALCÃO, 2008, p.8).

Nas esferas estaduais ainda há muito que se realizar. Além do Distrito Federal, apenas os estados da Bahia, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais e Pernambuco possuem legislação específicas de preservação do PCI. Alguns estados já estão trabalhando no desenvolvimento de ações, como por exemplo, Rio de Janeiro, Amapá e Santa Catarina. No âmbito municipal, apenas o município de Porto Alegre/RS está implantando legislação semelhante, o que é um pouco surpreendente já que o estado do Rio Grande do Sul não possui legislação para os PCI's.

A Carta de Fortaleza recomenda que,

o IPHAN, através de seu Departamento de Identificação e Documentação, promova, juntamente com outras unidades vinculadas ao Ministério da Cultura, a realização do inventário desses bens culturais em âmbito nacional, em parceria com instituições estaduais e municipais de cultura, órgãos de pesquisa, meios de comunicação e outros [...].

Algumas ações para preservação de Patrimônios Culturais do Rio Grande do Sul já foram realizadas em conjunto com o IPHAN e o IPHAE, porém em âmbito nacional, o estado não possui registro de bens imateriais junto ao IPHAN. Entre os bens tombados pelo IPHAE no estado, também não se encontra manifestações culturais salvaguardadas.

O Rio Grande do Sul possui dois instrumentos principais sobre Patrimônio Cultural. A Lei 7.231 de 1978 que sanciona e promulga que

Os bens existentes território estadual ou a ele trazidos, cuja preservação seja de interesse público, quer em razão de seu valor artístico, paisagístico, bibliográfico, documental, arqueológico, paleontológico, etnográfico ou ecológico, quer por sua vinculação a fatos históricos memoráveis, constituem, em seu conjunto, patrimônio cultural do Estado, e serão objeto de seu especial interesse e cuidadosa proteção.

Esta lei ainda institui que o Poder Executivo deverá criar órgãos necessários à execução das ações de que trata a lei.

Em 1983, o Decreto 31.049 organiza as atividades de preservação do Patrimônio Cultural através do “Sistema Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural”. Este decreto já traz entre seus artigos alguns prenúncios do que poderia vir a ser um instrumento específico para os PCI's. Nele fica instituído que entre os bens encontra-se “as manifestações folclóricas, em todos seus aspectos”. E ainda indica a “promoção das manifestações culturais típicas regionais, passadas e atuais, através de apoio logístico permanente, ou direto”.

O mais próximo que se tem no estado referente aos bens imateriais, é a reformulação da Constituição Estadual dada pela Emenda Constitucional nº 45 de 2004, a qual inclui entre os bens culturais do estado: as formas de expressão, os modos de fazer, criar e viver e as criações artísticas, científicas e tecnológicas, entre outros.

Os bens que se enquadram na definição de PCI, e encontra-se com título de Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul, foram assim definidos através de leis propostas pelo Poder Legislativo e sancionadas pelo Poder Executivo. Entre estas leis, está a Lei nº 12.226 de 2005 que declara a Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana – primeiro festival nativista do estado –, integrante do Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul. Três anos após, a Lei nº 12.975 de 2008, declara todos os Festivais de Música Nativista patrimônios históricos e culturais do estado.

Estas duas leis se apóiam nos termos dos artigos 221, 222 e 223 da Constituição do Estado já citada acima.

Uma vez percorrida a trajetória das ações voltadas a pensar as questões patrimoniais, do âmbito internacional ao local, nos deteremos no capítulo seguinte, na análise do processo de patrimonialização e das suas consequências, do festival Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana.

3 Festivais Nativistas: Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul?

Desde a reunião dos jovens estudantes gaúchos, em 1935, que longe de suas casas, morando na capital do estado sentiram a necessidade de trazer para perto costumes interioranos e rurais – que resultou na criação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG) e do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), que a preocupação com a imagem e as artes do gaúcho vinha sendo debatida.

A literatura gaúcha já estava em um patamar mais elevado desta questão e buscava ainda transformar a imagem distorcida que se passava do gaúcho – muito devido a sua origem simples e livre dos campos. Porém, na década de 1970 a globalização já demonstrava seus rumos e percebeu-se que a música dita regionalista do Rio Grande do Sul estava estremecida. Ou não tinha mercado, ou moldava-se ao consumo e assim contribuía para esta visão que muitos condenavam, de um gaúcho “grosseiro” e pouco educado, devido a suas origens rurais. A criação poética que se apresentava, desde a literatura, estava perdendo espaço e a isso somou-se o preconceito que inevitavelmente rondava a música regionalista gaúcha. Preconceito este muitas vezes atribuído ao mal uso das características ditas gaúchas, como diz Chiarelli (2001, p.28) “os bons se afastavam da temática, com medo de serem confundidos com aqueles que tão mal usavam o nome da nossa terra”.

Assim como os modernistas de 1922, alguns poetas e músicos entenderam que a música regionalista não deveria ficar estagnada aos preceitos impostos pelo MTG com suas regras e normas. Nem entregue ao mercado de consumo com foco apenas em obras que fossem vendáveis. Perceberam que também a cultura e a identidade estão em constante modificação dada às transformações que ocorreram durante o passar dos anos. Neste contexto, nasce a Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul (CCNRS) dando origem ao movimento nativista.

A figura do gaúcho se diluía e se distanciava da imagem tradicionalmente considerada como ponto inicial da gesta social gaúcha. Era imagem a ser reconstruída, sem muitas vezes o apoio histórico documentado. Da coxilha ao lado acenavam os textos do cancioneiro e os de Simões Lopes, como exemplos e possibilidades. Paralelamente, o próprio homem do campo se modificava, como é natural que ocorra. Considere-se a constante necessidade de reatualização que toda tradição/cultura tem, sob pena de desaparecimento (DUARTE, 2001, p.19).

A primeira edição do primeiro festival nativista do estado ocorreu em 1971. Ironicamente este movimento iniciou-se dentro de um CTG, o Sinuelo do Pago – na cidade de Uruguaiana.

Após esta abordagem resumida sobre o surgimento dos festivais nativistas, a partir deste momento será trabalhado o propósito deste estudo que é analisar a validade das leis de patrimonialização, neste caso em especial para a Califórnia da Canção Nativa e a contribuição que esta patrimonialização trouxe, ou não, ao festival. A análise será realizada em dois momentos: a) um breve histórico do festival focando na sua 37^a edição e b) uma pesquisa qualitativa com músicos envolvidos no movimento nativista e no ciclo dos festivais.

3.1. Metodologia

O presente trabalho propõe-se a debater as políticas de Patrimonialização e seus métodos de salvaguarda e preservação tendo como foco os bens imateriais. Para a realização desta proposição, abordam-se os seguintes temas: a) Identidade e memória cultural; b) A manifestação nativista como mediadora da identidade gaúcha; c) Patrimônio Cultural Imaterial – órgãos públicos e legislações e instrumentos de salvaguarda; d) Festivais Nativistas como Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul.

A pesquisa se desenvolveu a partir de uma pesquisa etnográfica, vista sob a perspectiva da etnomusicologia - “estudo da música como cultura” (MERRIAN, 1964) já que o estudo decorre de um movimento predominantemente musical e suas influências na identidade cultural regional do Rio Grande do Sul.

Anthony Seeger (1992, p. 2) diz que “a música tem sido chamada de ‘linguagem universal’, mas isso é provavelmente uma ilusão romântica – a música está tão enraizada em culturas de sociedades específicas quanto a comida, a roupa

e até a linguagem" e ainda afirma que "é um sistema de comunicação que envolve sons estruturados produzidos por membros de uma comunidade que se comunicam com outros membros". A música, assim como outras formas de se expressar, está diretamente ligada às raízes culturais de determinadas sociedades, e possui uma valiosa contribuição na formação das identidades. Ela ainda pode oferecer diversas funções,

Merriam listou uma quantidade de funções prováveis, incluindo a expressão emocional, prazer estético, entretenimento, comunicação, representação simbólica, respostas físicas, conformidade às normas sociais, validação de instituições sociais e contribuição à continuidade e estabilidade da cultura (SEGGER, 1992, p. 17).

Como visto anteriormente, este movimento surgido no Rio Grande do Sul, tomou proporções significativas tanto temporalmente quanto geograficamente, pois atingiu grande parte do estado e persiste após 40 anos, mesmo com toda transformação ocorrida na cultura, inclusive regional, ao longo dos tempos.

A definição de música como um sistema de comunicação enfatiza suas origens e destinações humanas e sugere que essa etnografia (escritos sobre música) não somente é possível, mas é uma abordagem privilegiada no estudo da música (SEGGER, 1992, p.3).

Através da ótica da etnomusicologia foram realizados estudos teóricos e empíricos, pois como defende Merriam (1964), "o método depende de orientação teórica".

No referencial teórico são utilizados, como base, os autores Stuart Hall, Nilda Jacks, Álvaro Santi, Gladdis Pippi, Barbosa Lessa, Carlos Lemos e Colmar Duarte. Suas ideias auxiliam a fundamentar o estudo empírico. Além destes foram tomados como base documentos como a Carta de Fortaleza e o Registro do Patrimônio Imaterial.

A relevância da teoria para o método é a coisa mais importante e talvez o menos compreendido, pois nenhum problema pode ser delineado em termos de hipóteses básicas sem que se leve em consideração a teoria. [...] o importante é que a orientação teórica inevitavelmente afeta o ponto de vista, a abordagem, a formação de hipótese, a orientação do problema, e todas as outras considerações incluídas no método de campo, e estas, por sua vez, afetam as técnicas de campo. (MERRIAM, 1964, p. 5).

Na parte empírica, em um primeiro momento, foi analisada a história da Califórnia da Canção Nativa e mais especificamente a sua 37^a edição, marcada para ocorrer em 2010, mas que após dois adiamentos não tem previsão de data. Acredita-se na extinção deste festival, visto que após dois anos não se encontra movimentação a cerca desta edição e da possível volta do mesmo ao ciclo.

A escolha deste festival se baseou na importância deste para o movimento do qual ele foi o marco inicial, a sua Patrimonialização decretada pelo governador Germano Rigotto e a sua dificuldade de realização, o que pode ter gerado o seu término definitivo.

Em um segundo momento, foi realizado uma pesquisa com alguns músicos do movimento nativista, pois para Segger (1992)

para construir uma etnografia da música é preciso fazer mais que simplesmente sentar e conversar com um vizinho na platéia. Também os músicos possuem uma percepção do que acontece na performance, mesmo que nem sempre lhes agrade falar sobre ela (p. 24-25).

Foi utilizado como instrumento um questionário simples de perguntas abertas (APÊNDICE A). Alguns foram enviados e respondidos por e-mail devido a dificuldade de deslocamento, principalmente dos músicos por conta das suas agendas de trabalho. Porém alguns músicos retornaram o pedido solicitando que fosse ao encontro deles para um bate-papo mais informal, o que geraria melhor resultado nas respostas. Um dos músicos escolhidos e que solicitou que fosse “tomar um mate” com ele, foi o cantor e compositor Pirisca Grecco, natural de Uruguaiana, cidade sede da Califórnia, que na ocasião encontrava-se em Pelotas gravando mais um cd da sua carreira. O encontro aconteceu no Estúdio Luvi – Pelotas/RS e favoreceu para a coleta de dados, não só pelo ambiente em que foi realizado, mas pela ausência do instrumento que foi tomado apenas como base para a conversa. Para a entrevista foi utilizado o questionário, porém este semiestruturado, pois foi possível realizar outras perguntas além das estipuladas. A escolha dos músicos definiu-se pela disponibilidade, histórico nos festivais e proximidade com a Califórnia da Canção. Foram escolhidos músicos mais antigos que fizeram parte do festival e músicos mais novos que cresceram musicalmente almejando chegar um dia ao palco da Califórnia. Ao total fizeram parte da pesquisa 10 músicos entre intérpretes, compositores e instrumentistas.

A coleta de dados para análise e conclusão do trabalho realizou-se no período de maio a julho de 2012.

3.2. O caso da Califórnia da Canção Nativa

A desclassificação de uma música de autores gaúchos em um Festival de Música Popular promovido por uma emissora de rádio AM da cidade, tendo como motivo desta, a música ser regionalista, culminou na ideia de um Festival onde seriam apresentadas apenas músicas gaúchas regionalistas, em ritmo e tema poético. Com o passar dos anos o festival foi vencendo obstáculos e tomando grandes proporções. Desde seus primeiros passos já “havia apoios explícitos fora do âmbito municipal, como os da Ordem dos Músicos do Brasil, seção RS, o da rádio Guaíba AM de Porto Alegre e do Instituto Gaúcho de Tradições e Folclore” (DUARTE, 2001, p.16).

Em 1983 o movimento já possuía um Conselho Consultivo da CCNRS que era composto pelos quatro últimos presidentes, um representante da entidade promotora: CTG Sinuelo do Pago e duas pessoas da comunidade. Este conselho representou instância de discussão de propostas de constante aperfeiçoamento do festival e do movimento.

Engajado na preservação da cultura popular, o movimento cultural passou a participar das discussões que segundo Lopes (2001, p.21), serviram para “aperfeiçoar as condições de reflexão e difusão da imagem social do gaúcho”, tal como entediam coerente.

O festival ocorreu ininterruptamente até a sua 30^a edição em 2001. Pode-se ressaltar a dinamização cultural que o movimento trouxe para a região, pois além do festival eram realizadas outras ações que visavam a difusão da cultura gaúcha como: salões de arte e artesanato e mostras de danças. Além disto, nestes trinta anos passaram pelo palco renomados artistas do cenário nacional e internacional, tais quais: Atahualpa Yupanqui, Mercedes Sosa, Kleiton e Kledir – que surgiram no palco do festival -, Inezita Barroso, Gilberto Gil e Elba Ramalho.

O festival consagrou diversos músicos como Renato Borghetti, Luis Carlos Borges, Leopoldo Rassier, César Passarinho e, mais atualmente, Luis Marenco, Joca Martins, César Oliveira e Pirisca Grecco, entre outros (Fig. 3).



Figura 3 – 25º Reponte da Canção / 2009 (Luis Marenco, Aluísio Rockembach, Beto Borges, Mandeco). Foto Sabrina Marques.

A CCNRS mostrou estar disposta a fazer a sua parte para preservar as manifestações artísticas gaúchas entendendo a série de mudanças e evolução que ocorre com o passar do tempo, porém, em paralelo, resgatou elementos culturais já em desuso estimulando a valorização de usos e costumes identificados como nossas raízes.

E não apenas as de origem campeira, mas todas aquelas ligadas aos grupos humanos aclimatados no Rio Grande do Sul, independente de origem territorial (autóctones, africanos, europeus ou asiáticos) ou étnicos (indígenas, negros e brancos), como é fácil verificar (ALVES, 2001, p.51).

O movimento reascendeu o orgulho nativista riograndense. Este fato vem de encontro com os preceitos de Hobsbawm (1984) reforçando a institucionalização de elementos culturais no cotidiano do estado. Os jovens adotaram elementos da tradição gaúcha como o uso da bombacha, de boina e alpargatas e passaram a formar rodas de mate nas praças.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 1984, p.9).

Por sua importância e pioneirismo, a Califórnia é considerada o embrião de vários outros festivais semelhantes que passaram a acontecer em todo o Rio Grande do Sul, nas décadas subsequentes. Entre eles pode-se destacar a Coxilha

Nativista (Cruz Alta), o Ponche Verde (Dom Pedrito), o Carijo da Canção Gaúcha (Palmeira das Missões), o Reponte da Canção (São Lourenço do Sul), o Musicanto (Santa Rosa), entre outros que somam mais de 50 festivais realizados por ano no estado.

Mesmo com todos estes pontos ressaltados no que compete ao desenvolvimento de um movimento artístico e popular, a proporção no qual se tornou a manifestação nativista e a importância da Califórnia para este acontecimento, um ponto negativo foi decisivo. Até a sua 30^a edição, apesar de ter dificuldades econômicas, a Califórnia ocorreu ininterruptamente. Desde aí a questão econômica têm dificultado sua organização.

De 2001 até hoje, em 2012, apenas mais seis edições ocorreram. A 37^a edição vem tentando se fazer acontecer desde 2010 tendo sido transferida – só em 2011 – duas vezes. Tradicionalmente, a CCNRS ocorria no início de dezembro, porém, em 2010, não tendo viabilidade econômica de acontecimento do festival, ele foi transferido para abril de 2011 e após para dezembro também deste ano. Em setembro após várias ações (que serão apresentadas adiante), o festival foi cancelado definitivamente para sua ocorrência em 2011, ano que completaria 40 anos, e anunciou-se o surgimento de um novo festival na cidade que ocorreu nos dias 11, 12 e 13 de novembro.

No desenrolar destes 10 anos em que as edições foram acontecendo em meio a altos e baixos, surgiu um suporte que a princípio pensou-se favorecer o festival e finalmente dar a ele a valorização e o apoio para que continuasse seu importante papel na difusão e promoção da cultura gaúcha regionalista. Em 2005, o então Governador do Estado Germano Rigotto, através da Lei 12.226, decreta a Califórnia da Canção Nativa, Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul, utilizando como justificativa os artigos 221, 222 e 223 da Constituição do Estado.

Art. 221 Constituem direitos culturais garantidos pelo Estado: I - a liberdade de criação e expressão artísticas; [...]IV - o apoio e incentivo à produção, difusão e circulação dos bens culturais; V - o acesso ao patrimônio cultural do Estado, entendendo-se como tal o patrimônio natural e os bens de natureza material e imaterial portadores de referências à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade rio-grandense, incluindo-se entre esses bens: a) as formas de expressão; b) os modos de fazer, criar e viver; c) as criações artísticas, científicas e tecnológicas; [...] Art. 222 - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, protegerá o patrimônio cultural, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamentos, desapropriações e outras formas de acautelamento e preservação. [...]

Após este decreto, em 2008, outra Lei surgiu. Desta vez proposta pelo deputado estadual Rossano Gonçalves, e sancionada pela governadora do estado Yeda Crusius, a Lei nº 12.975 de 27 de maio de 2008 declarou que todos os festivais nativistas são Patrimônios Históricos e Culturais do Rio Grande do Sul.

Nota-se que estas iniciativas não apresentam nenhum tipo de fundamentação conforme orientam as políticas de salvaguarda do PNPI/IPHAN, nem conta com respaldo do IPHAE. Foi uma patrimonialização feita apenas por decreto de Lei, o que abre questões a cerca da intenção e do papel do Poder Público na ação. Porém, observa-se aqui principalmente no caso da Califórnia da Canção que a patrimonialização ficou apenas resignada ao papel, visto que sem apoio, principalmente financeiro, nem do poder público municipal, nem estadual, o festival não tem possibilidade de realizar nova edição.

Foi apresentado neste trabalho os diversos instrumentos e possibilidades de salvaguarda e preservação de uma manifestação popular, estes por sua vez oficiais, pensados e implementados por gestores públicos, potencializando suas práticas e servindo de estímulo para determinadas ações que as valorize e realize sua divulgação e difusão, para que assim não caiam em esquecimento e se percam para gerações futuras.

Como dito anteriormente, o Estado ainda não possui uma legislação específica para manifestações desta natureza, o que faz com que o governo se apoie em iniciativas como estas para realizar ações de preservação que sem uma legislação que as legitime não surtem o efeito esperado. Além desta encontrar-se em âmbito nacional e estadual as Leis de Incentivo à Cultura (LIC) outra forma que o governo tem de dar apoio e realizar o que se propõe nos objetos de salvaguarda dos Patrimônios Culturais.

Aqui fica a dúvida: onde está o verdadeiro problema? Projetos mal estruturados que não correspondem com a exigência de um edital para captação de recursos? Deveriam estes festivais patrimonializados não ter a necessidade de concorrência e serem sempre assistidos por estes recursos, desde que cumpram com o básico exigido? Ou, ainda, a troca de interesse, por parte da iniciativa privada (que é quem de fato financia), direcionando seus recursos para outras atividades?

A Lei nº 12.975 diz no seu Art. 2º que “os Festivais deverão realizar, anualmente, prestação de contas dos recursos recebidos antes de se habilitarem aos novos recursos”. Porém, fora este artigo não apresenta mais nenhuma

orientação ou norma que os justifique como Patrimônio Cultural. Nota-se que estes instrumentos estaduais (ANEXOS A e B) foram realizados de forma vaga, incompleta e questionável.

Não ficam esclarecidos em nenhum dos decretos as vantagens da patrimonialização, a relevância cultural e a importância desta manifestação para o estado, a participação de cada agente¹¹ produtor desta manifestação para que o objetivo de preservação e salvaguarda seja cumprido, ou seja, não apresenta embasamento e nem um conteúdo que possa vir a beneficiar sem contestação o movimento nativista e o ciclo dos festivais.

3.2.1. 37ª Califórnia da Canção Nativa

Como dito anteriormente, a Califórnia ocorreu ininterruptamente até a sua 30ª edição em 2001, driblando qualquer dificuldade, inclusive as de ordem econômica. Segundo Vitor Hugo, cantor quatro vezes escolhido melhor intérprete do festival, “a Califórnia tem a marca da crise, mas também representa a superação da crise”. Suas edições aconteciam sempre no mês de dezembro, e como é de se esperar depois de 30 anos, já fazia parte do calendário de eventos da cidade de Uruguaiana, visto que a cada edição trazia a cidade número significativo de visitantes, além de músicos, compositores e artistas em geral que faziam parte do festival ou de suas programações paralelas. Isto posto, conclui-se que fazia girar a economia da cidade, setor hoteleiro, comércio, alimentação e entre outros. Porém, depois da explosão de suas primeiras edições, com o surgimento de mais de 60 festivais por ano em todo o Rio Grande do Sul, a Califórnia começa a ter seu declínio. “O próprio sucesso da Califórnia fez com que ela crescesse demais e motivasse a criação de vários outros festivais, que se tornaram concorrentes de Uruguaiana. Acho também que o excesso de milongas desinteressou o público” (Mário Barbará, compositor ganhador de duas Calhandras de Ouro¹²). Progressivamente o público foi sumindo e a crise econômica fez sumir os patrocinadores. Para Barbará atribui-se também a falta de público à troca do local

¹¹ Poder público, organizadores de festivais, iniciativa privada, músicos, compositores e público consumidor desta cultura nativista.

¹² Prêmio máximo do festival representado pela calhandra, ave dos pampas, de canto múltiplo, que emudece no cativeiro, só cantando na liberdade do seu habitat.

onde eram realizadas as edições do festival. No início eram realizadas no cinema Pampa, onde o público assistia sentado e em silêncio prestava atenção. Com a dimensão tomada pelo festival, o local tornou-se pequeno e foi criada a cidade de Iona, ao ar livre. Neste local amplo acredita-se que o público tornou-se disperso. Este dado nos mostra que o local também contribui na dinâmica cultural quando se trata da música e sua influência, como afirmado por Segger (1992, p. 24)

Podemos descobrir que diferentes espaços de performance na cidade (tipos de *onde*) são reservados em sua maioria para diferentes tipos de música – a “casa de ópera” não contrata bandas de reggae, nem a biblioteca pública, as igrejas ou as organizações fraternais [...]. A performance, a audiência e os horários de performance podem ser usados para construir um conjunto de expectativas sobre a música na comunidade.

Após 2001, aconteceram mais seis edições do festival e em 2010 teve início a organização da 37^a Califórnia da Canção Nativa que ocorreria como de costume no mês de dezembro. Em junho do mesmo ano, o festival foi tema de audiência pública na Câmara Municipal onde foram debatidos assuntos relativos à realização do evento. “Queremos levar os problemas da Califórnia ao público, em busca de possíveis soluções. O projeto está pronto, o que falta é verba para realização do festival” afirmou na ocasião o presidente da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul, Júlio Cézar Benites Teixeira, em entrevista ai ClicRBS Uruguaiana. Como resultado formou-se uma comissão mista composta por representantes dos Poderes Legislativo e Executivo, o Conselho de Vaqueanos¹³ do CTG Sinuelo do Pago, o Conselho Consultivo da Califórnia da Canção Nativa, os músicos, a imprensa, a União Estudantil de Uruguaiana e a comunidade num total de quatorze membros que se comprometeram em manter vivo o festival.

O apoio do poder público, na pessoa do prefeito Sanchotene Felice também estava garantido. O evento ocorreria na Concha Acústica César Passarinho, no Parque Dom Pedro II e teria entrada franca. Como de costume, eventos paralelos como concurso de Danças Tradicionalistas e de culinária, além de tertúlias livres, aconteceriam. Em 28 de novembro de 2010, em um encontro entre o prefeito, o presidente da comissão organizadora e o diretor financeiro do festival foi anunciada a data – 09, 10, 11 e 12 de dezembro, e local da 37^a Califórnia (Fig. 4).

¹³ Os CTG's como toda a associação possui em sua estrutura administrativa diretoria, conselhos e departamentos. Para manter o simbolismo foram adotadas nomenclaturas como Patronagem para a diretoria e o Conselho de Vaqueanos para o conselho e os departamentos são chamados Invernadas.

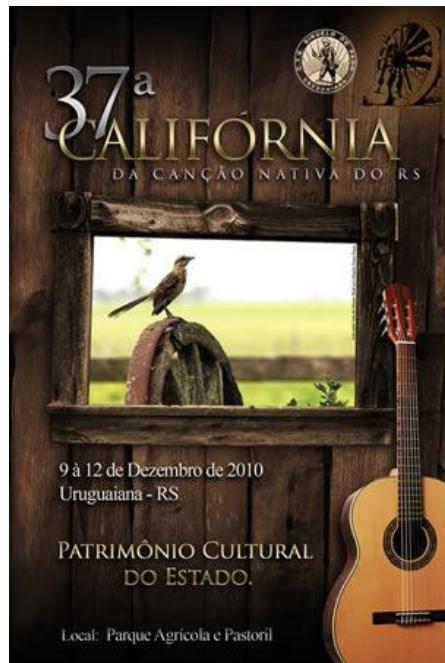


Figura 4 – Cartaz de divulgação da 37ª Califórnia da Canção Fonte: <http://produtoculturalgaúcho.blogs.pot.com.br>

As inscrições para as músicas concorrentes ficaram abertas até o dia 27 de outubro, e foram escolhidas 18 canções (ANEXO C) divididas entre as linhas: campeira, manifestação Rio-grandense e livre. Os músicos receberiam um ajuda de custo de R\$ 2.000,00 mais R\$ 1.000,00 para as 12 escolhidas para disputar a grande final no dia 12 de dezembro. Além disso, o primeiro lugar de cada linha receberia o troféu mais a importância de R\$ 1.000,00. As premiações paralelas (intérprete, instrumentista, melhor letra, melodia, mais popular, arranjo, melhor vocal, melhor conjunto instrumental) além dos troféus receberiam R\$ 600,00. No dia 31 de outubro foram divulgadas após a triagem da comissão julgadora, as concorrentes do festival. Faziam parte do júri: Victor Hugo, Dilan Camargo, Lenin Nuñes, Everton Ferreira e Felipe Azevedo.

Faltando pouco mais de uma semana para o festival, uma nota oficial (ANEXO D) emitida pela comissão organizadora anuncia o adiamento da 37ª edição para o ano de 2011, sem data definida. A escassez de recursos mais uma vez é a responsável pelo adiamento do mais antigo festival nativista do Rio Grande do Sul. Ficou esclarecido que as músicas selecionadas seriam mantidas.

Definiu-se após que as apresentações do festival ocorreriam nos dias 07, 08, 09 e 10 de abril de 2011. Após a incerteza se o festival seria realizado ou não, no dia 06 de abril anunciava-se mais uma vez o seu adiamento, desta vez para uma data a

ser definida no mês de dezembro. A razão foi a absoluta falta de recursos financeiros.

O blogueiro Léo Ribeiro, alimenta seu blog apenas com postagens referente a cultura nativista do Rio Grande do Sul. No dia 06 de abril ele postou um texto¹⁴, retirado do blog Gente Gaúcha Produções que trazia dados sobre o cancelamento. No texto o autor Jairo Reis¹⁵ relata a indignação da comunidade nativista e tradicionalista, não só de Uruguaiana, com o descaso do poder público com a Califórnia, condenando inclusive o uso de recursos para realização do famoso “Carnaval fora de época” da cidade, deixando de lado o festival definido por lei pelo governo do estado como “Patrimônio Cultural”. Ele segue afirmando que por razões políticas houve desentendimentos entre prefeitura e comissão organizadora, o que resultou em mais um adiamento. Hoje a postagem no blog Gente Gaúcha Produções não existe mais, restando apenas o texto em outros blogs¹⁶ que buscam divulgar a cultura nativista, citando a fonte de onde foi retirado.

Surpreendentemente no dia 01 de setembro foi divulgada no jornal Tribuna de Uruguaiana uma matéria com o seguinte título: “Prefeitura desiste da Califórnia e lança festival municipal”. Sem maiores esclarecimentos sobre a ruptura do apoio financeiro entre poder público e organização do evento, a Secretaria de Cultura lança novo festival marcado para ocorrer nos dias 04 e 05 de novembro no mesmo local que inicialmente seria sede da 37ª Califórnia da Canção Nativia.

Após o ocorrido a organização do festival continuou trabalhando para que a edição acontecesse em 2011, ano em que o festival completava 40 anos. Em 05 de setembro foi divulgada uma Carta de Intenções da Comissão Mista da Califórnia assinada pelo prefeito Sanchotene Felice que apresentava as intenções em relação a colaboração do Executivo Municipal para realização do festival, bem como: cedência do Ginásio Municipal e a disponibilização de seguranças e ambulâncias no local. Assinaram também a carta representantes da Comissão Mista da Califórnia da Canção Nativia – 40 anos.

Entre altos e baixos a perspectiva era que a 37ª edição, a dos 40 anos de festival, acontecesse sem maiores problemas em dezembro de 2011. Mas não foi o que ocorreu. Estremecido pelo surgimento do novo festival que ocorreu com

¹⁴ Apresentado no ANEXO E.

¹⁵ Diretor do Gente Gaúcha Produções, jornalista, radialista conhecido no ciclo dos festivais.

¹⁶ Todos os textos encontrados contendo o texto do jornalista Jairo Reis encontram-se nos ANEXOS F e G.

sucesso, mesmo com a indignação de muitos nas comunidades nativista e uruguaiense, o festival foi definitivamente cancelado sem grandes justificativas e até então não se teve mais notícias de um possível retorno.

No dia 14 de dezembro de 2011, músicos de todo o Estado se encontraram no Chalé da Praça XV, em Porto Alegre, para comemorar os 40 anos da Califórnia da Canção Nativia (ANEXO H). No encontro os músicos, produtores e familiares reviveram momentos de uma época que ficou na memória de muitos. O encontro também teve momentos de discussão sobre o futuro do festival, “Meu medo é que tenha passado ciclo” diz Francisco Alves, compositor que se orgulha em ter inscrito músicas em todas as edições do festival. Para alguns, independente da volta ou não do festival, ele deve ser celebrado, pois foi o marco inicial de um movimento que continua vivo. João de Almeida Neto afirma que “devemos reverenciar as pessoas que construíram este evento tão bonito e importante” e que sempre seja celebrada a música, mesmo a que ainda será composta ou tocada, independente se for na Califórnia ou em outro local.

Dúvidas a parte, o que se pode afirmar é que este festival foi o precursor de todo um movimento. A cada ano apesar de muitos festivais antigos se extinguirem, novos surgem fazendo com que o ciclo dos festivais se renove seguindo o preceito do que foi dito anteriormente: a cultura não é algo estático, está em constante movimento e mutação, agrupa novos valores, renova antigos e leva adiante alguns traços que resistem à influência do tempo.

3.2.2. A visão dos músicos

Conforme relata Segger (1992) em uma etnografia da música, ou etnomusicologia, não deve-se ater apenas no evento e suas influências para a cultura de uma determinada sociedade. Diversas são as visões que pode-se levar em consideração ao pesquisar um movimento cultural que repercutiu através da música, uma delas é a dos próprios músicos. Porém,

“os músicos e a audiência não são as únicas pessoas envolvidas na performance. Existem os administradores dos negócios, os administradores do transporte, os donos dos clubes noturnos, os engenheiros de som [...]. Todos eles possuem uma perspectiva do evento que pode ser muito instrutiva” (p.25).

A ideia inicial deste trabalho era mostrar as falas dos diferentes agentes envolvidos na questão da Califórnia, ou seja, artistas, Comissão Organizadora e o Poder Público Municipal, podendo confrontar assim a questão da última edição e a realização do novo festival pela Prefeitura de Uruguaiana. Houve uma tentativa de comunicação com a Comissão e com a Prefeitura, porém o representante da comissão se quer atendeu ao contato e com a prefeitura, após esta não retornar o questionário respondido, também não foi possível manter contato. Isto resultou na escolha de manter apenas a fala dos músicos para agregar ao trabalho.

Ao todo foram contatados dez músicos entre intérpretes, letristas, compositores e instrumentistas. Entre os músicos alguns foram participantes da Califórnia e outros apenas cresceram no meio musical almejando um dia chegar ao palco do primeiro festival nativista. O primeiro músico a ser contatado foi o intérprete e compositor Pirisca Grecco natural de Uruguaiana. Além de ser o músico mais próximo da realidade do festival, a contribuição deste foi muito valiosa, pois ao ser convidado a responder o questionário, ele – em Pelotas na ocasião – marcou um encontro para que as perguntas fossem feitas diretamente a ele. Apesar de utilizar o instrumento elaborado como base, foi possível realizar mais perguntas e aprofundar sobre algumas questões levantadas. No total foram devolvidos seis questionários respondidos mais a entrevista realizada com o Pirisca, totalizando sete músicos participantes da pesquisa.

Entendendo que o movimento nativista do Rio Grande do Sul nasceu a partir do festival Califórnia da Canção, foi unânime o reconhecimento deste como célula mater de todos os festivais e de sua importância para uma manifestação cultural que teve uma proporção que seus idealizadores não tinham noção de que iria tomar. A Califórnia nasceu em um período onde a música regionalista estava carente e serve até hoje como parâmetro para o nascimento de novos festivais que buscam difundir e divulgar a música nativista. Mais importante que isso é a divulgação – através desta música – de parte da cultura do estado. Para Robledo Martins¹⁷,

com o festival, as canções podiam versar em outros aspectos, como o social, o homem do campo, a natureza, etc., de uma forma mais poética, com poesias mais inteligentes e mais aprofundadas, trazendo assim o interesse dos mais jovens, como os universitários, aqueles que até então estão na cidade, e passam a conhecer mais sobre a cultura do Gaúcho, o homem do campo e suas características.

¹⁷ Intérprete, natural de Rio Grande – RS, participante ativo de festivais há 25 anos.

Porém, como dito acima, o homem do campo, as lidas de campo são apenas parte da cultura do estado. Fora desta origem rural, encontram-se muitos traços importantes que tomam parte na identidade do gaúcho e que no caso da Califórnia, foram deixados de lado. Hoje, a maioria dos festivais do estado, estão divididos em duas linhas: campeira (onde se apresentam músicas com esta temática, de uma cultura não muito distante apesar de ser antiga, do homem do campo, do cavalo, do trabalho campeiro) e linha livre (onde as melodias são mais “abertas” e a temática fala em gaúcho da cidade, o gaúcho litorâneo, romance e entre outros). Porém a Califórnia se mantinha sempre com a temática campeira. Para o instrumentista Leonardo Oxley este foi um dos problemas da Califórnia, “a não evolutividade, pois enfoca muito a vida no campo”. Esta é uma questão que também foi levantada por Pirisca Grecco como um dos causadores da extinção quase que total do festival, “essa coisa do tradicional, de realmente o pessoal não querer mexer, o pessoal ter medo de evoluir, né... de acompanhar a dinâmica do mundo” (Informação Verbal). Mesmo assim, para todos, a Califórnia cumpriu seu papel quando serviu de exemplo para outros festivais que ainda estão surgindo garantindo a preservação de uma cultura.

A Califórnia enquanto movimento cultural e popular que gerou é indiscutível. Pela experiência empírica que desenvolvi nesses 20 anos participando deste movimento, percebi que as cidades e comunidades que se envolvem na organização e que usufruem de um festival de música, são visivelmente comunidades diferenciadas, de interesses e comprometimentos relacionados à cultura e educação muito além dos vistos geralmente. Sem contar que estes eventos fazem a conexão das pessoas com sua cultura e história através da música (Juliana Spanevello, intérprete).

Apesar de o estudo de caso ter sido realizado tendo a Califórnia da Canção como foco, o propósito deste trabalho não está apenas na sua importância cultural e sim na sua patrimonialização. Quando perguntado aos músicos sobre de que forma eles entendem a Califórnia enquanto Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul, as respostas foram bastante divergentes. Percebeu-se que apesar de ser um assunto bastante abordado na atualidade, a percepção sobre a real dimensão e responsabilidades atribuídas ao título de patrimônio ainda é vaga, pelo menos entre os músicos pesquisados. Responsabilidades estas que devem ser assumidas por todos agentes envolvidos de alguma maneira na manifestação. Neste caso,

organizadores, poder público, músicos e a comunidade nativista. O músico Alessandro Mattos¹⁸ descreve um pouco do que deveria acontecer:

a partir do momento em que um festival, que é o destino de boa parte da produção musical do estado, se firma como Patrimônio Cultural, portas se abrem. Não só para os músicos que se sustentam financeiramente dos festivais, quanto para o próprio evento, que passa a ter mais credibilidade junto à sua comunidade e às empresas patrocinadoras.

Além dele a cantora Juliana Spanevello também fez uma explanação sobre como ela entende a patrimonialização cultural da Califórnia:

A Califórnia transpõe as fronteiras do Município, do Estado e do País onde ela aconteceu esses anos todos, e conquistou importância como referencial folclórico e cultural do povo gaúcho. Exatamente por essa vinculação à história, cultura, e a trajetória do universo artístico gaúcho é que constatamos ser de interesse público manter e valorizar este evento cultural como Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul. Isto também como forma de proteger e viabilizar sua continuidade e sobrevivência, dada a sua excepcional importância para o povo gaúcho e sua identidade.

Esta seria a realidade ideal, porém dado que a Califórnia não tem acontecido, esta patrimonialização é no mínimo contestável. Se ela já vinha tendo problemas que após a sua 30^a edição só se agravou, devido a importância atestada principalmente pelos músicos e também pela proporção que tomou o movimento nativista, a patrimonialização decretada pelo governador Germano Rigotto deveria ser não só o reconhecimento deste festival para a cultura do estado, como também a salvação e a garantia de sua preservação. Entendendo preservação não só a efetiva realização de suas edições, pois ela pode já ter cumprido o seu papel enquanto evento, mas a preservação do seu histórico enquanto precursor de um movimento que dura 40 anos e que leva através da música nativista parte da cultura do estado através das gerações. Porque não formalizar um museu da Califórnia da Canção? Também seria uma forma se salvaguardar e dignificar a “mãe dos festivais” como é chamada a Califórnia. “A própria história da Califórnia tá lá atirada às traças, tem fotos, tem fitas cassette das triagens, tudo, tudo, tudo... e isso não é: ‘Bah! Prefeito...’ Isso é própria falta de interesse da comunidade, entendeu” (Informação Verbal), lamenta o cantor Pirisca Grecco.

¹⁸ Intérprete e compositor, natural de Bagé. Graduado em Letras – Espanhol, pesquisador de folclore Latino-americano. Integrante do grupo Sonido Del Alma Gaucha.

O caso do cancelamento da última edição do festival e o surgimento de um novo realizado pela prefeitura da cidade de Uruguaiana, também pôs em dúvida as reais intenções a cerca do festival. Surgiram dúvidas quanto ao reconhecimento do poder público da cidade, deixando de investir na preservação da Califórnia e assumindo outros eventos como o conhecido Carnaval Fora de Época, já estabelecido como parte do calendário de eventos culturais da cidade. Outras dúvidas surgiram em torno da visão da comissão, já que foi declarado que o prefeito entraria com uma verba de R\$ 50.000,00 e ainda disponibilizaria local e outros apoios para a realização da Califórnia da Canção. Dúvidas também do envolvimento da comunidade e da iniciativa privada na questão. Se a Califórnia não tem apoio financeiro para onde está indo a verba que os comerciantes e empresários dispõe para apoios e patrocínios culturais?

No meio musical o cancelamento da Califórnia foi muito lastimado, apesar de ninguém ter ficado sabendo da real motivação. Em nenhum momento foi pedido o apoio dos músicos “para o fim de auxiliar a Califórnia, o que teria sido prontamente atendido pela grande maioria” (Juliana Spanevello). Apareceram críticas ao prefeito, principalmente quando foi anunciado um novo festival com a verba que seria destinada à Califórnia.

O prefeito acabou realizando um festival com estes R\$ 50.000,00, com este palco, com este som... [...] com este dinheiro que a Califórnia refugou, né... A Califórnia não tem uma gestão, do tamanho... do seu verdadeiro tamanho, ou do tamanho que a gente, que o estado pensa que ela tem. [...] e covardemente quiseram colocar a culpa na prefeitura de Uruguaiana, que nunca conseguiu interferir na Califórnia. A Califórnia nunca permitiu que um prefeito fosse entregar um troféu ou fazer discurso lá. Nunca autorizou. A Califórnia desde sua realização nunca fez questão de fazer amigos políticos ou ser de alguma situação (Informação Verbal) (Pirisca Grecco).

Apesar de lastimarem o cancelamento da Califórnia, os músicos pareceram favoráveis ao novo festival que ocorreu com sucesso em novembro de 2011. “Fim da Califórnia, zera tudo, passa uma borracha nas contas e vamos colocar outro nome. Como fica agora o patrimônio Cultural do estado? Tomara que este novo festival seja sério, honesto e comprometido com a cultura”, espera Fabiano Bacchieri, intérprete e compositor. Porém como argumenta Juliana Spanevello, fica a dúvida:

o surgimento de outro festival no lugar da união de forças pela preservação da Califórnia, soa como uma fragmentação de cunho político, onde interesses individuais prevalecem sobre a questão cultural, pois ora, se existe condições financeiras e vontade da comunidade em realizar um festival, porque não investir esse esforço na preservação da Califórnia?

E assim como ela outros dos músicos que participaram da pesquisa veem este novo festival como uma manobra política.

E o Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul, como fica? É assim que se deve manter um bem patrimonializado? Para que serviu esta lei decretada pelo governador em 2005? Qual a intenção do então governador Germano Rigotto ao tomar esta iniciativa?

Isso me soa muito estranho, eu nunca vi o governador do estado em Uruguaiana curtindo uma Califórnia e tão pouco alguém estendendo o braço, assim pra quando a Califórnia ta no chão, né?! Então não... eu desconheço este termo aí. Eu não sei te dizer em que condições a Califórnia é Patrimônio Cultural do estado. É duro pensar que o estado cuida assim do seu patrimônio cultural, entende? A Califórnia é a mãe dos festivais que tá na UTI há muitos anos, num coma induzido e não se vê ação nenhuma para que ela saia deste estado (Informação Verbal) (Pirisca Grecco).

Dúvidas a parte, o que resta é a certeza de que no caso da Califórnia da Canção Nativa a patrimonialização não serviu nem para preservar, nem para estabelecer uma importância cultural perante a sociedade. Fora do meio nativista pouco se valoriza o festival que como cita Fabrício Marques¹⁹, intérprete e letrista, foi o precursor de todo um movimento e “este mérito ninguém tira”.

¹⁹ Intérprete, letrista e compositor. Natural de Canguçu, participante de festivais há 14 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Direcionando o presente trabalho para seu desfecho, cabe retomar alguns pontos que foram abordados neste estudo.

Com o objetivo de analisar como se dá a patrimonialização nos diferentes níveis: federal, estadual e municipal, e o resultado por ela obtido, foi analisado o caso do festival Califórnia da Canção Nativa que foi decretado por lei pelo governador Germano Rigotto Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul.

Para chegar à questão principal do trabalho, foram realizadas reflexões em torno de identidades e memórias culturais de uma sociedade, entendendo as manifestações culturais que surgem para mediar estas identidades, neste caso a Manifestação nativista como mediadora de umas das identidades gaúcha. Além disto foi explanado sobre Patrimônio Cultural, com foco nos bens imateriais e nos seus instrumentos de preservação e salvaguarda. Neste ponto chegou-se ao caso da Lei acima citada.

Durante o desenvolvimento da análise do caso, foi realizado um breve histórico do surgimento do festival para após ser aprofundado o estudo da 37^a edição somado a pesquisa elaborada para dar espaço à opinião dos músicos, público de grande interesse pelo desenvolvimento dos festivais nativistas.

O trabalho etnográfico mostrou que os problemas enfrentados pela Califórnia da Canção vêm se desenrolando ao longo de várias edições, problemas estes principalmente financeiros que se agravaram nos últimos dez anos. Ao iniciar o desenvolvimento deste trabalho acreditava-se que com o auxílio do poder público, tanto municipal quanto estadual, apoiando-se na lei decretada em 2005, o festival teria chances de sair do esquecimento e talvez ressurgir como parte importante ainda no ciclo dos festivais.

Entre os envolvidos diretamente com os festivais, a falta de incentivo por parte do setor público destaca-se entre as principais críticas. Inúmeros são os

festivais que desaparecem e outros tantos se encontram em situação de risco devido à falta de recursos, como é o caso da Califórnia da Canção. Mesmo aqueles que possuem projetos aprovados pela LIC (Lei de Incentivo a Cultura), há uma enorme dificuldade em obter financiamentos junto aos setores privados. Entre alguns músicos há a preocupação com o possível desaparecimento dos festivais, e a consequente dificuldade que isto poderia trazer à divulgação e difusão da música Nativista.

Durante a pesquisa percebeu-se que a questão era bem mais complicada. Colocar sempre a culpa no poder público e na iniciativa privada parecia o mais coerente, mas ao aprofundar a análise do caso, tornou-se notória a falta de comprometimento de outros lados, talvez neste caso, o mais importante, o da comissão organizadora. Ouvir a opinião destes músicos foi de grande importância, principalmente por ter sido oportunizado aos principais agentes deste movimento dar sua opinião no caso e foi a partir destes relatos que muitas questões foram respondidas e muitas dúvidas esclarecidas.

Ao finalizar a análise da 37^a edição da Califórnia, levantei algumas questões como: “onde está o verdadeiro problema?”, não isentando a parcela do poder público do caso, principalmente o governo estadual que patrimonializou o festival, a declaração dos músicos mostrou também um grande descaso e falta de comprometimento por parte da comissão organizadora. Mais que isso, atestou a indisposição que sempre existiu entre a prefeitura de Uruguaiana e os membros do CTG Sinuelo do Pago que tomaram para si somente a realização do festival.

O caso da Califórnia da Canção Nativa, Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul apresentou-se mais enigmático do que se supunha ao toma-lo como base para este estudo.

Porém o objetivo deste trabalho não é discutir os reais problemas existentes para a realização do festival, e sim questionar o porquê de um patrimônio cultural não receber a devida importância a ele atribuída ao receber esta alcunha.

Um dos problemas que se apresentou diz respeito a eficácia dos decretos de lei que patrimonializaram não só a Califórnia da Canção Nativa, mas todos os festivais no Rio Grande do Sul. Talvez o principal efeito tenha sido imediato, na forma de angariar votos aos proponentes destas leis. Certamente também causaram impacto na autoestima dos cidadãos que compartilham este sistema cultural. Outro efeito observado e já citado é a movimentação das economias locais, aspecto por

demais importante como vimos. A análise desta situação expõe algumas contradições. Primeiramente, em relação ao papel do estado, este favorece ao sistema de festivais por reconhecê-los como patrimônio e, com isso, legitima-os aos Ihes conferir o importante *status* de Patrimônio Cultural. O estado comparece ainda financeiramente ao abdicar de valores que seriam arrecadados através de impostos, autorizando os festivais a captarem junto à iniciativa privada aqueles valores que estas deveriam, por obrigação, pagar ao governo. A Lei de Incentivo a Cultura se reveste de importante mecanismo de financiamento promovido pelo estado, direcionado a inúmeras atividades culturais. Ao aprovar o projeto de realização de um determinado festival o governo está cumprindo com parcela significativa de seus compromissos, assumidos quando estabeleceu um sistema de preservação e salvaguarda de seus patrimônios culturais, articulando-se com a sociedade. Curiosamente, a iniciativa privada, que é quem escolhe para quem vai oferecer seu apoio financeiro, é talvez o elo de rompimento desta cadeia. A iniciativa privada é a principal beneficiada quando da realização de um festival - nas cidades dos festivais, a rede hoteleira, o comércio em geral e em especial aquele dedicado a produção e venda de produtos identificados com este sistema cultural arrecada grandes somas à custa da circulação de pessoas consumidoras que são atraídas pelos festivais. Ou seja, quem mais ganha e sempre se beneficiou é também quem decide, inclusive, sobre a sobrevivência ou não de um determinado festival. Considerando que, de um lado há um projeto aprovado pela LIC, e que de outro temos empreendedores dispostos a financiar e terem seus nomes associados a estas iniciativas, que motivos estão falando mais alto na escolha do que ser financiado? Seria a relevância cultural ou o interesse econômico? Visões paternalistas continuam cobrando mais participação do estado, enquanto novos eventos têm surgido e canalizado os recursos da iniciativa privada noutra direção.

O título deste trabalho coloca a pergunta: Festivais Nativistas: patrimônio cultural do Rio Grande do Sul?

Conclui-se baseado no que foi visto que no caso da Califórnia da Canção Nativa, a lei de patrimonialização ficou restrita ao papel, levantando uma nova e importante questão: como integrar poderes públicos, iniciativa privada e comunidade em prol dos patrimônios culturais do Rio Grande do Sul?

REFERÊNCIAS

ALVES, José Edil de Lima; DUARTE, Colmar Pereira. **Califórnia da Canção Nativa: Marco de mudanças na Cultura Gaúcha.** 1ed. Porto Alegre: Movimento, 2001. 204p.

CARTA DE FORTALEZA. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Seminário "Patrimônio Imaterial: Estratégias e formas de proteção". 10 a 14 de novembro de 1997. Fortaleza, Ceará: [s.e.], 1997.

CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO. Comissão Nacional de Folclore. VIII Congresso Brasileiro de Folclore. 12 a 16 de dezembro de 1995. Salvador, Bahia: [s.e.], 1995.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de. **Patrimônio imaterial no Brasil.** 1ed. Brasília: Educarte, 2008. 199p.

CLICRBS URUGUAIANA, **Califórnia é tema de audiência pública em Uruguaiana.** Disponível em:
<http://wp.clicrbs.com.br/uruguaiana/2011/06/01/california-da-cancao-nativa-e-tema-de-audiencia-publica-em-uruguaiana/?topo=77,1,1>. Acessado em: 09 dez 2011

Competências das Superintendências Estaduais do IPHAN. Disponível em:
<http://www.e-diariooficial.com/>. Acesso em: 12 dez. 2011.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acessado em: 08 dez. 2011

CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em:
<http://www.al.rs.gov.br/prop/legislacao/constituicao/constituicao.htm>. Acessado em: 08 dez. 2011

Estudos sobre nativismo. Disponível em:
<http://www.redescobrindoobrasil.hpg.com.br/asrevoltasnativistas.htm>. Acesso em: 03 mai. 2011.

FALCÃO, Andréa (Org.). **Registro e políticas de salvaguarda para as culturas populares.** 2ed. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2008. 88p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **MiniAurélio: o minidicionário da língua portuguesa.** 7ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009. 895p.

GLOBO ED.(Org.). **Rio Grande do Sul: Terra e Povo.** 2ed. Porto Alegre: Globo, 1969. 355p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 104p.

HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** 1ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 316p.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO ESTADO. Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL NACIONAL. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 21 jun. 2011.

JACKS, Nilda. **Mídia Nativa: Indústria Cultural e Cultura Regional.** 3ed. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2003. 150p.

LEMOS, Carlos. **O que é Patrimônio Histórico.** 1ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 119p.

LESSA, Luiz. **Nativismo.** 1ed. Porto Alegre: LP&M, 1985. 119p.

MED, Bohumil. **Teoria da música.** 4ed.rev. e ampl. Brasília: Musimed, 1996. 420p.

MERRIAN, Alan. **Método e técnica.** In: A Antropologia da música. Tradução de Leonardo Cardoso. Evanston: Northwestern University Press, 1964. 358p. Título Original: *The Anthropology of Music*.

NETTL, Bruno. **O estudo comparativo da mudança musical: Estudos de caso de quatro culturas.** Revista Anthropologicas, Pernambuco, v. 17(1), p.11-34, 2006.

Os cinco eixos de ações do Programa Cultural da UNESCO. Disponível em: <<http://www.unesco.org>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

PATRIMÔNIO IMATERIAL: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. 4.ed. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006. 138p.

PIPPI, Gladis. **História Cultural das Missões Memória e Patrimônio.** 1ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2005. 112p.

Projetos da Coordenadoria de Memória e Patrimônio/SECULT. Disponível em: <<http://www.pelotas.com.br/>>. Acesso em: 09 dez. 2011.

REBOUÇAS, Paulo: Revoltas Nativistas. Disponível em:
<<http://www.historiabrasileira.com/brasil-colonia/revoltas-nativistas/>>. Acesso em: 03 mai. 2001.

REIS, Jairo: A Califórnia de Uruguaiana na UTI. Disponível em:
<<http://www.blogdoleoribeiro.blogspot.com.br>>. Acesso em: 11 jul. 2012.

RIO GRANDE DO SUL. Lei n. 12.226 de 05 de janeiro de 2005. Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 05 jan. 2005.

RIO GRANDE DO SUL. Lei n. 12.975 de 27 de maio de 2008, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 27 mai. 2008.

SANTI, Álvaro. **Do Paternon à Califórnia: o Nativismo Gaúcho e suas Origens.** 1ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004. 110p.

SEGER, Anthony. **Etnografia da Música.** Tradução de Giovanni Cirino. Londres: The MacMillan Press, 1992. 487 p. In: Versão inglesa de Helen Myers. Título original: *Ethnomusicology. An introduction*

Tombamentos municipais de Uruguaiana. Disponível em:
<<http://uruguaiana.rs.gov.br>>. Acesso em: 09 dez. 2011.

TRIBUNA DE URUGUAIANA, **Prefeitura desiste da Califórnia e lança festival municipal.** Disponível em:
<<http://www.tribunadeuruguaiana.blogspot.com/.../prefeitura-desiste-da-california-e.html>>. Acessado em: 09 dez 2011

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos músicos

FESTIVAIS NATIVISTAS: PATRIMÔNIO CULTURAL DO RIO GRANDE DO SUL?

Os festivais nativistas são os principais agentes da difusão e divulgação da música nativista. Dos festivais nativistas surgiram instrumentistas, compositores e especialmente intérpretes - solistas ou em grupos que, pouco a pouco, vão fazendo suas carreiras.

O movimento reascendeu o orgulho nativista riograndense. Os jovens adotaram elementos da tradição gaúcha como o uso da bombacha, de boina e alpargatas e passaram a formar rodas de mate nas praças.

Por sua importância e pioneirismo, a **Califórnia da Canção Nativa** é considerada o embrião de vários outros festivais semelhantes que passaram a acontecer em todo o Rio Grande do Sul, nas décadas subsequentes. Entre eles pode-se destacar a Coxilha Nativista (Cruz Alta), o Ponche Verde (Dom Pedrito), o Carijo da Canção Gaúcha (Palmeira das Missões), o Reponte da Canção (São Lourenço do Sul), o Musicanto (Santa Rosa), entre outros que somam mais de 50 festivais realizados por ano no estado.

- 1) Qual a importância do festival Califórnia da Canção Nativa para o movimento nativista?
- 2) Como vocês entendem a Califórnia enquanto manifestação cultural e popular?
- 3) Para vocês qual a importância de a Califórnia ser Patrimônio Cultural do Estado?
- 4) Como repercutiu entre os músicos o cancelamento definitivo em 2011 da 37^a edição do festival após tantas ações e apoios que buscavam a sua realização?
- 5) E o surgimento deste novo festival em Uruguaiana com um redirecionamento da verba que poderia ter auxiliado a Califórnia?

ANEXOS

**ANEXO A –Lei 12.226 – Decreta a Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana
Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul**



**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL ASSEMBLÉIA
LEGISLATIVA Gabinete de Consultoria Legislativa**

LEI N° 12.226, DE 05 DE JANEIRO DE 2005.
(publicada no DOE nº 03, de 06 de janeiro de 2005)

Declara a Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana integrante do patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1º - Fica declarada como integrante do patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul a Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, nos termos dos artigos 221, 222 e 223 da Constituição do Estado.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 05 de janeiro de 2005.

FIM DO DOCUMENTO

**ANEXO B –Lei 12.975 – Decreta todos Festivais Nativistas Patrimônio Cultural
do Rio Grande do Sul**



**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL ASSEMBLÉIA
LEGISLATIVA Gabinete de Consultoria Legislativa**

LEI Nº 12.975, DE 27 DE MAIO DE 2008.
(publicada no DOE nº 100, de 28 de maio de 2008)

Declara integrantes do patrimônio histórico e cultural do Estado do Rio Grande do Sul todos os Festivais de Música Nativista.

A GOVERNADORA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1º - São declarados integrantes do patrimônio histórico e cultural do Estado, e para os fins dos arts. 221, 222 e 223 da Constituição do Estado, os Festivais de Música Nativista ocorridos no Rio Grande do Sul.

Parágrafo único - Para receberem o benefício desta Lei os Festivais devem ter, no mínimo, 3 (três) anos de efetivo funcionamento.

Art. 2º - Os Festivais deverão realizar, anualmente, a prestação de contas dos recursos recebidos antes de se habilitarem aos novos recursos.

Art. 3º - Os Festivais de Música Nativista que já fazem parte continuam integrados ao patrimônio histórico e cultural do Estado do Rio Grande do Sul.

Art. 4º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 27 de maio de 2008.

FIM DO DOCUMENTO

ANEXO C – Lista das músicas classificadas para 37ª Califórnia da Canção Nativa

11/07/12

OS FESTIVAIS: Classificadas 37º Califórnia da Canção de Uruguaiana

[Compartilhar](#) [Denunciar abuso](#) [Próximo blog»](#)[Criar um blog](#) [Login](#)

BAHstdores !!

[Acessa AQUI](#)

RÁDIO TERRA GAÚCHA



"Um homem mostra quem é no rastro dos pés, atitudes e gestos..." (Rômulo Chaves).

"O tempo que nos consome não ha quem possa invertê-lo. Pesa nos ombros dos homens, tinge de prata os cabelos..." (Adão Quevedo)

"O homem branqueia a crina, por vezes perde os cabelos. Alguns, com manhas de sorro, vivem mudando de pelo..." (Batista e Muñoz)

"Ela de longe sorria

3 de novembro de 2010

Classificadas 37º Califórnia da Canção de Uruguaiana



A 37º Califórnia da Canção acontece nos dias 09, 10, 11 e 12 de dezembro (junto com a final do Rio Grande Canta o Cooperativismo) na cidade de Uruguaiana.

Posto pra vocês as 18 músicas selecionadas pelos jurados (foto site do CTG Sinuelo do Pago).

Petiço Mapa-Mundi

L- Rafael Olívio, Pedro Ribas e Fernando Saldanha Filho
M - César Santos

Pé de Moleque

L- Diego Muller
M - Miguel Tejera

Sou além do que sou mesmo

L - Tikeno Quelz
M - César Santos, Rafael Constant e Punk Bermudez

Estrelas Castanhas

L - Silvio Genro
M - Pirisca Grecco

Horácio Luiz

L - Vinícius Brum
M - Tuny Brum

Amigos

Identidade Campeira
V Noite Nativista IV



Noite
Nativista
15 horas
atras

Jairo Reis
FANDANGO



DANÇA DE
FANDANGO
NO GNG
21 horas
atras

JEAN KIRCHOFF ANALISE SEVERO



MAIS UM
GRANDE
FESTIVAL...
1 semana
atras

Juca Moraes

11/07/12

OS FESTIVAIS: Classificadas 37º Califórnia da Canção de Uruguaiana

para quem sonhava tâ-la e no seu peito trazia o céu de só uma estrela. Ele sequer desconfiava entre suas nuvens de pó, que a estrela que lhe encantava era de um poeta só." (Carlos Omar Vilella Gomes)

"**Eu bem sei das primaveras embora não veja as cores, aguçadas em meus sentidos e no vôo dos beija-flores...**" (Caine Garcia).

"Vou sair em plena rua, e pintar no céu uma lua imitando o teu olhar...E, inspirada em teu perfume, até a roseira assume que te copiou por te invejar..." (Diego Muller).

"**Sei que carrego um legado, de levar para o meu povo a verdade das toadas plantadas num verso novo...**" (Fábio Prates)

"O mesmo peito que partiu, levando um sonho de amor, voltou perdido, sem rumo, cheio de mágoas e de dor..." (Gargione Ávila)

"**Quando Patrício Laguna resolveu ser estrada, os olhos desta campanha choraram sem perceber, folgaram cavalos mansos, verteram sangas cortadas, se vai a história de um pago, que alguns nem vão conhecer.**" (Gujo Teixeira)

"Do concreto ao intangível, o poema vai ao muro, pleno de pampa e de mundo, solto às linhas do futuro..." (Jaime Vaz Brasil)

"**Tenho algo de calandria, de badalo e de cincrero, com alma de Tiarajú e sangue de Martin Fierro...**" (João Sampaio e Noel Guarany)

Por ter Onde ir

L - Tiago Sousa e Nelson Souza
M - Nelson Souza

Por gratidão, desencilho

L - Rodrigo Bauer
M - Mário Barbará

Mi menor de Coração

L - Jaime Vaz Brasil
M - Pedro Guerra e Adriano Sperandir

Que Bueno

L - Fernando Soares e Evar Gomes
M - Mauro Moraes

Milonga da Saudade

L - Sérgio Napp
M - Pery Alberto Souza

Pra Poncho que Toca Vento

L - Gujo Teixeira
M - Luciano Maia

Pitaluga de Luzeiro

L - Rafael Chiapetta
M - Lizandro Amaral e Guilherme Colares

A Última Redução

L - Hermeto Silva
M - Afonso Falcão

Campeira

L e M - Érlon Péricles e Duca Duarte

A Luz da Coragem

L - Thiago Sumam e Guilherme Sumam
M - Adriano Sperandir e Cristian Sperandir

Oração do Pescador

L e M - Érlon Péricles

Dom Alejo e seus mijados

L e M - Rafael Olvídeo

De Barro e Luz

L - Martim César
M - Paulo Timm

Postado por [Aline Ribas](#) às 07:52

Recomende isto no Google

Um comentário:



maryele 27 de novembro de 2010 04:23

Parabéns á "confraria", que mais uma vez toma conta da Califórnia deixando os grandes nomes de Uruguaiana como Armando Vasques,Cleber Soares,Adão e João Quintana Vieira,Jaime Ribeiro entre outros de fora do festival que já foi o melhor e maior do estado!!!

Responder



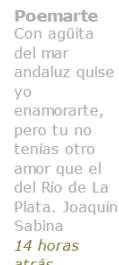
AGENDA DE AGOSTO
11 meses atrás



Juliana Spanevello
Eu
quero saber...
V
1 semana atrás



Manoca do Canto Gaúcho
Gauchada apreciadora da Manoca do Canto Gaúcho
4 meses atrás



Poemarte
Con agüita del mar andaluz quise yo enamorarte, pero tu no tenias otro amor que el del Rio de La Plata. Joaquin Sabina
14 horas atrás



Prosa Galponeira
Agenda Rodrigo Madrid
6 horas atrás

Pulperia

Radio Tarca.com

Robledo Martins



Os Melhores de 2011 - por Jairo Reis
5 meses atrás

RONDA DOS FESTIVAIS

ANEXO D – Nota de esclarecimento da Comissão Organizadora

11/11/11

37ª Califórnia da Canção Nativa é adiada para 2011

Sexta 11 Novembro

HOME TURISMO **NOVIDADES** VIDEOS RESTAURANTES EVENTOS CINE UTILIDADE PÚBLICA CLASSIFICADOS CONTATO



37ª Califórnia da Canção Nativa é adiada para 2011

A escassez de recursos é a responsável - mais uma vez - pelo adiamento do tradicional festival de música regional gaúcha, Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul. Em nota oficial, a comissão organizadora do evento anuncia que as apresentações da 37ª edição do evento serão transferidas para uma data ainda a ser definida em 2011.

A Califórnia da Canção Nativa vem sendo realizada desde 1971, em Uruguaiana, e as duas últimas edições do evento também sofreram mudanças em seu cronograma pelo mesmo motivo. Segue abaixo a nota de esclarecimento assinada pelo presidente da Comissão Organizadora, Bel. Júlio Cézar Benites Teixeira. (Leia mais sobre nota de esclarecimento)

NOTA DE ESCLARECIMENTO

A Comissão Organizadora da 37ª Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul, em respeito à população de Uruguaiana, ao Executivo Municipal, a Câmara de Vereadores, aos intérpretes, aos jurados, à imprensa, aos patrocinadores, às entidades tradicionalistas e demais entidades apoiadoras, esclarece que embora tenha buscado patrocínios junto às empresas, em tempo integral, e o Senhor Prefeito Municipal Prof. José Francisco Sanchotene Felice tenha disponibilizado recursos na ordem de R\$ 50.000,00, mais o espaço cultural do Parque D. Pedro II, a segurança, ambulâncias e pessoal especializado, energia elétrica e estrutura pertinente, o aporte financeiro complementar não foi suficiente para cobrir os custos de realização do evento, restando a esta Comissão decidir, na tarde de sexta-feira, pelo adiamento da 37ª Edição da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul para o ano de 2011, mantendo-se o regulamento e as músicas escolhidas na triagem.

Sucessivos fatos, como a desistência de investidores na cultura, a negativa de promessas políticas pré-eleitorais, a absurda taxa de licenciamento cobrada pelo ECAD e a insistente orientação do Presidente de honrar com as obrigações da Entidade que dirige, foram fatores preponderantes para a tomada de decisão.

Fica, portanto, adiada a realização da 37ª Edição da Califórnia para que possamos continuar fiéis aos seus objetivos de resgatar e divulgar os valores da música regional gaúcha, RECUAR PARA SURPREENDER,

Bel. Júlio César Benites Teixeira
portalfronteiraocidente.com.br.../117-37o-california-da-cancao-nativa-e-adiad...

Cardápio Online

Problemas com drogas ?
Narcóticos Anônimos

Enquete

Uruguaiana merece uma loja de "GAMES" originais ?

Sim

Não

Não faz diferença

Votar **Resultados**

1/2

ANEXO E – Texto Califórnia de Uruguaiana na UTI Blog Léo Ribeiro

11/07/12

Blog do Léo Ribeiro: CALIFÓRNIA DE URUGUAIANA NA UTI

01/03/2010 - dia e mês
do referendo do tratado de
Paz do Ponche Verde

Caminha, Libório Wilgs e Décio Portalupi.

VISITANTES

1 7 3 7 6 1

QUARTA-FEIRA, 6 DE ABRIL DE 2011

CALIFÓRNIA DE URUGUAIANA NA UTI

CONTATOS
blogdoleoribeiro
@hotmail.com

Rio Grande do Sul



Hino Riograndense



PERFIL



LÉO

Francisco
Ribeiro de
Souza
nasceu
em 23/01/1956, em
Contendas, São Francisco
de Paula, RS, e reside em
Porto Alegre. Advogado,
poeta com 11 livros
editados, foi Presidente da
Estância da Poesia Crioula
e Patrão do Grupo
Tradicionalista
Fraternidade Gaúcha, da
maçonaria. Compositor
com mais de 300 letras
gravadas, com destaque
para as canções "Brasil de
Bombachas" e "Gaúchos do
Litoral", tem um CD



Li no site da Gente Gaúcha Produções o que segue:

"A 37ª Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, mais uma vez foi cancelada.

Segundo os organizadores, a edição programada para o período entre 07 e 10 de abril não mais será realizada por absoluta falta de recursos financeiros.

De acordo com a direção do CTG Sinuelo do Pago, entidade responsável pelo festival, uma nova data será definida para o mês de dezembro de 2011.

A comunidade nativista e tradicionalista de Uruguaiana, e até mesmo de outros municípios, está indignada com a medida e questiona a falta de apoio do poder público que investe milhões no "Carnaval fora de época" e deixa de lado a Califórnia, sem direcionar um centavo sequer ao evento definido por lei pelo governo do estado como "Patrimônio Cultural".

Uma fonte fidedigna me confidenciou que, por razões políticas, ocorrem graves desentendimentos entre a prefeitura de Uruguaiana e os administradores da Califórnia e que estas rusgas resultaram inclusive no pedido de desocupação do imóvel que a prefeitura cedia para a Califórnia e que o evento utilizava há bom tempo como sede oficial.

A gente ouve muitas histórias sobre os motivos que levaram a esta difícil situação pela qual a Califórnia está passando, mas de oficial ou com a devida comprovação não sabemos nada".

Ante o exposto e considerando verdadeiras as informações do Jairo Reis (Diretor da Gente Gaúcha Produções), um jornalista de credibilidade e bom trânsito no meio festivaleiro, só tenho a lamentar.

Lamentar que o festival pioneiro, o precursor, o paradigma destes eventos musicais pelo Rio Grande esteja na UTI. Mal comparando, é como se o Rodeio de Vacaria fosse a bancarrota. Como se o ENART (Encontro de Artes) deixasse de acontecer. Como se o Acampamento Farroupilha de Porto Alegre fechasse as cancelas...

Lamentar que picuinhas políticas e vaidades pessoais ponham em descrédito um evento que alavancou o nome de Uruguaiana no

11/07/12

Blog do Léo Ribeiro: CALIFÓRNIA DE URUGUAIANA NA UTI

editado pela Gravadora ACIT com suas com posições mais conhecidas. Tem, também, lançado um CD com poesias maçônicas/gauchescas intitulado "Um Gaudério na Irmãonde". Artista Plástico com temáticas sulinas, editou um livro de cartuns gauchescos. Coordenador Geral da Tertúlia Maçônica da Poesia Crioula e do Festival Ronco do Bugio (em 4 edições). Jurado em dezenas de festivais poéticos/musicais.

Fundador dos grupos de cavalgadas Cavaleiros da Neve e Irmãos do Estribo, recebeu da ORCAV (Ordem dos Cavaleiros) o Título de Cavaleiro Riograndense. Recebeu, também, a comenda de Aluno Destaque Cultural dos 50 Anos das Escolas CENECISTAS no Rio Grande do Sul.

[Visualizar meu perfil completo](#)

APOIO



HOMENAGEM



PAIXÃO CÔRTEZ Legenda
Tradicionista

CURTAS COMO coice de porco



cenário cultural da América Latina.

Lamentar que dêem preferência a uma cultura universal (carnaval) em detrimento de uma cultura própria, gauchesca, terrunha.

Sei das dificuldades financeiras da Califórnia, que há tempos se arrasta como carroço de eixo silencioso pelos descaminhos do sul, mas não tenho idéia quem sejam os responsáveis por tal desatino de não envidar esforços pela realização do legendário festival. Contudo, tenham a certeza de que estas pessoas ficarão marcadas pelo ferro-em-braza da culpa que, igual marca de relho ou de adaga, passa o tempo e não se apaga.

Postado por Léo 

Links para esta postagem

[Criar um link](#)

[Postagem mais recente](#)

[Início](#)

[Postagem mais antiga](#)

ANEXO F – Texto Califórnia de Uruguaiana na UTI Blog Prosa Galponeira

11/11/11

Prosa Galponeira: 37ª Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, mais um...



Página Inicial | RádioTertúlia.com | Orkut | Fotos | Hino RS

QUARTA-FEIRA, 6 DE ABRIL DE 2011

37ª Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, mais uma vez foi cancelada



CALIFÓRNIA DE URUGUAIANA NA UTI

"A 37ª Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, mais uma vez foi cancelada.

Segundo os organizadores, a edição programada para o período entre 07 e 10 de abril não mais será realizada por absoluta falta de recursos financeiros.

De acordo com a direção do CTG Sinuelo do Pago, entidade responsável pelo festival, uma nova data será definida para o mês de dezembro de 2011.

A comunidade nativista e tradicionalista de Uruguaiana, e até mesmo de outros municípios, está indignada com a medida e questiona a falta de apoio do poder público que investe milhões no "Carnaval fora de época" e deixa de lado a Califórnia, sem direcionar um centavo sequer ao evento definido por lei pelo governo do estado como "Patrimônio Cultural".

Uma fonte fidedigna me confidenciou que, por razões políticas, ocorrem graves desentendimentos entre a prefeitura de Uruguaiana e os administradores da Califórnia e que estas rusgas resultaram inclusive no pedido de desocupação do imóvel que a prefeitura cedia para a Califórnia e que o evento utilizava há bom tempo como sede oficial.

A gente ouve muitas histórias sobre os motivos que levaram a esta difícil situação pela qual a Califórnia está passando, mas de oficial ou com a devida comprovação não sabemos nada".

Ante o exposto e considerando verdadeiras as informações do Jairo Reis (Diretor da Gente Gaúcha Produções), um jornalista de credibilidade e bom trânsito no meio festivaleiro, só tenho a lamentar.

Lamentar que o festival pioneiro, o precursor, o paradigma destes eventos musicais pelo Rio Grande esteja na UTI. Mal comparando, é como se o Rodeio de Vacaria fosse a bancarrota. Como se o ENART

IE CTRL + D FAVORITOS

radioTertúlia.com

Para baixar o player oficial da RádioTertúlia.com: clique aqui!

BLOGS FAVORITOS

- Produto Cultural Gaúcho**
Peña Musica do Boteco Tchê, toda Sexta-Feira 23 horas 2 horas atrás
- MTG RS**
Edital de Convocação – Assembleia Geral Eletrônica 3 horas atrás
- Bahstidores**
Ponche Verde da Canção Gaúcha e sua história 10 horas atrás
- SEMO LOCO LÁ DA FRONTEIRA**
Informativo Luiz Marenco 11 horas atrás
- Blog do Léo Ribeiro**
SETE MARAVILHAS NATURAIS GAÚCHAS 12 horas atrás
- Rogério Bastos – Notícias do Tradicionalismo Gaúcho**
Orgulho dos Pais 12 horas atrás
- Identidade Campeira**
Rádio Terra Gaúcha, 600 mil acessos! 2 dias atrás
- Pitahn Pilchas**
CALVADA DA INTEGRAÇÃO GLÓVIS GRAEL VIANA 6 dias atrás

ÍTAO DORNELES



Princesa das Tapes – Canguçu, Contíente do Rio Grande de São Pedro, Brazil

Visualizar meu perfil completo

OUTRAS RÁDIOS

Acessem! www.radiosul.net






prosagaloneira.blogspot.com/2011/04/37-california-da-cancao-nativa-de.html

1/7

11/11/11

Prosa Galponeira: 37º Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, mais um...

(Encontro de Artes) deixasse de acontecer. Como se o Acampamento Farroupilha de Porto Alegre fechasse as cancelas...

Lamentar que piciúnhas políticas e vaidades pessoais ponham em descrédito um evento que alavancou o nome de Uruguaiana no cenário cultural da América Latina.

Lamentar que dêem preferência a uma cultura universal (carnaval) em detrimento de uma cultura própria, gauchesca, terrinha.

Sei das dificuldades financeiras da Califórnia, que há tempos se arrasta como carroço de eixo silencioso pelos descaminhos do sul, mas não tenho ideia quem sejam os responsáveis por tal desatino de não envidar esforços pela realização do legендário festival. Contudo, tenham a certeza de que estas pessoas ficarão marcadas pelo ferro-em-braza da culpa que, igual marca de relho ou de adaga, passa o tempo e não se apaga.

Fonte: Blog do Léo Ribeiro

**ARTIGOS RELACIONADOS NO BLOG**

Andrius
Cruz no
Pub do
Gaúcho



Vídeo da
música
Repartidos
- 2º lug...



XIX Tertúlia
Nativista
terá
transmi...



Resultados
dos
conursos
da
Estândi...



3º Expoconto
de Arrolo
Grande -
Res...

Postado por Italo Dornelles às 17:17:00

Marcadores: Eventos, Festivais, Música

O comentários:

[Postar um comentário](#)

Links para esta postagem

[Criar um link](#)

[Postagem mais recente](#)

[Início](#)

[Postagem mais antiga](#)

[Assinar: Postar comentários \(Atom\)](#)

RONDA DOS FESTIVAIS
19º ESCARAMUÇA -
RESULTADO
1 semana atrás

Seme Bem Loco |
O Site de Todos os
Músicos |
Agenda Fabiano
Baccieri
2 semanas atrás

RádioTertúlia.com
• Piratini/RS
Programação Semana
Farroupilha Pinheiro
Machado 2011
1 mês atrás

OS FESTIVAS
E saí a tão esperada
Lista Cooperativista
2 meses atrás

**PARCEIROS****ALGUNS ARTISTAS**

Aldy Vieira Junior
Aluísio Rockembach
Ailton Lima
Angelo Franco
Buenas e Mespalho
Cesar Oliveira e
Rogério Melo
Cristiano Quevedo
Fabiano Baccieri
Fabrício Marques -
MySpace
Fabrício Marques -
Pako MP3
Fabrício Vasconcellos
Florêo Nativio
Grupo Fundo de
Campo
Grupo Ronda Índia
Idomar Martins
Jari Terres
Joca Martins
Joca Martins - Blog
Juliana Spanevello
Lisandro Amaral
Luiz Marenco
Marcelo Oliveira
Maria Luiza Benitez
Martim Cesar
Nina França
Parísca Grecco
Portal Noel Guarany
Quarteto Coração de
Pitro
Roberto Borges
Roberto Lucardo
Robledo Martins
Shana Müller
Tarciane Tebaldi

**CANGUÇU****FAVORITOS**

A maior roda de
chimarrão do mundo
ABC do Gaúcho
Americano
Artega
Blog Alma de Ferro
Blog Apaisanado
Blog Chasque de
Primeira
Blog Clique Gaúcho



ANEXO G – Texto Califórnia de Uruguaiana na UTI Blog Sítio do Gaúcho Taura

20/06/12

Sítio do Gaúcho Taura: Califórnia de Uruguaiana na UTI

[Compartilhar](#) [Denunciar abuso](#) [Próximo blog»](#) [Criar um blog](#) [Login](#)


quarta-feira, 6 de abril de 2011

Porteira do Facebook

Califórnia de Uruguaiana na UTI



CALIFÓRNIA

Li no site da Gente Gaúcha Produções o que segue:

"A 37ª Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, mais uma vez foi cancelada.

Segundo os organizadores, a edição programada para o período entre 07 e 10 de abril não mais será realizada por absoluta falta de recursos financeiros.

De acordo com a direção do CTG Sinuelo do Pago, entidade responsável pelo festival, uma nova data será definida para o mês de dezembro de 2011.

A comunidade nativista e tradicionalista de Uruguaiana, e até mesmo de outros municípios, está indignada com a medida e questiona a falta de apoio do poder público que investe milhões no "Carnaval fora de época" e deixa de lado a Califórnia, sem direcionar um centavo sequer ao evento definido por lei pelo

Valdemar Engroff

facebook

Nome:
Valdemar Engroff
E-mail:
valdemar@engroff.com.br
Status:
ME FUI PRO CATRE... AFINAL... AMANHÃ É...

Criar seu atalho

Créditos: Retrato de Abertura

Bueno! São para o seu criador, um gaúcho de botas e bombachas, de quatro costados, nascido, criado e aquerenciado nos pagos do Rio de Janeiro (RJ): VALMIR GOMES (www.valmirlgomes.com.br).

Siga-me no Micro Sítio (twitter)



Financês para os de botas e bombachas e para as prendas, em GAUCHÉS, é aqui tchê!!!

O Bolso da Bombacha

20/06/12

Sítio do Gaúcho Taura: Califórnia de Uruguaiana na UTI

governo do estado como "Patrimônio Cultural".

Uma fonte fidedigna me confidenciou que, por razões políticas, ocorrem graves desentendimentos entre a prefeitura de Uruguaiana e os administradores da Califórnia e que estas rusgas resultaram inclusive no pedido de desocupação do imóvel que a prefeitura cedia para a Califórnia e que o evento utilizava há bom tempo como sede oficial.

A gente ouve muitas histórias sobre os motivos que levaram a esta difícil situação pela qual a Califórnia está passando, mas de oficial ou com a devida comprovação não sabemos nada".

Ante o exposto e considerando verdadeiras as informações do Jairo Reis (Diretor da Gente Gaúcha Produções), um jornalista de credibilidade e bom trânsito no meio festivaleiro, só tenho a lamentar.

Lamentar que o festival pioneiro, o precursor, o paradigma destes eventos musicais pelo Rio Grande esteja na UTI. Mal comparando, é como se o Rodeio de Vacaria fosse a bancarrota. Como se o ENART (Encontro de Artes) deixasse de acontecer. Como se o Acampamento Farroupilha de Porto Alegre fechasse as cancelas...

Lamentar que picuinhas políticas e vaidades pessoais ponham em descrédito um evento que alavancou o nome de Uruguaiana no cenário cultural da América Latina.

Lamentar que dêem preferência a uma cultura universal (carnaval) em detrimento de uma cultura própria, gauchesca, terrunha.

Sei das dificuldades financeiras da Califórnia, que há tempos se arrasta como carroço de eixo silencioso pelos descaminhos do sul, mas não tenho idéia quem sejam os responsáveis por tal desatino de não envidar esforços pela realização do legendário festival. Contudo, tenham a certeza de que estas pessoas ficarão marcadas pelo ferro-em-braza da culpa que, igual marca de relho ou de adaga, passa o tempo e não se apaga.

Fonte! Chasque de Léo Ribeiro de Souza, publicado no seu sítio - <http://www.blogdoleoribeiro.blogspot.com/>, no dia 06 de abril de 2011.

Postado por **Gaúcho Taura** às 19:11

Recomende
isto no

Marcadores: Califórnia da Canção Nativa, Uruguaiana

0 comentários:

Postar um comentário



2 semanas atrás

Tchê! Cadastra aqui o teu Chasque Eletrônico e fique por dentro do que aqui publicamos!!

Email address...

Manda a programação do TEU CTG para:

valdemar@engroff.com.br

Rádio Gaudéria FM - puro gauchismo e respeito à tradição!



Já deram o seu Oh de Casa!

9|3|8|8|7

Tomando chimarrão!

Pesquisando neste Galpão

As maiores camperidas aqui no Sítio!



41ª Ciranda Cultural de Prendas - Resultado
A 41ª edição da Ciranda Cultural de Prendas, realizada em Passo Fundo, desde a quinta-feira (26), elegera na noite de sábado as nove prendas...



CTG Estância do Rubem Berta tchê convídal
Bueno! É de lamber os beiços..... Bueno! O CTG Estância do Rubem Berta boleia a perna e convida a comunidade para participar neste domín...

Baile com Os Bertussi, com a participação do grande Adelar
Bueno! Boleamos a perna e te

ANEXO H – Matéria Zero Hora “Celebração Nativista”

15/12/11

Músicos de todo o Estado reuniram-se no Chalé da Praça XV para celebrar...

Zero Hora

Celebração nativista 15/12/2011 | 00h10

Músicos de todo o Estado reuniram-se no Chalé da Praça XV para celebrar os 40 anos da Califórnia da Canção

Encontro levantou discussões sobre futuro do festival, há dois anos sem acontecer



Músicos reuniram-se no Chalé da Praça XV para celebrar os 40 anos da Califórnia da Canção Nativista

Foto: Fernando Corrêa / Zero Hora

— Tá melhorando, chegaram os de Uruguaiana.

Com ares de anfiteatro, o produtor Ayrton dos Anjos, o Patinete, recebia os compositores e intérpretes da música regionalista que chegavam ao Chalé da Praça XV, na Capital. A reunião, ocorrida na noite desta quarta-feira, tinha motivo especial: comemorar os 40 anos da Califórnia da Canção Nativista, mítico festival criado em Uruguaiana, em 1971.

Sem ser realizada há dois anos, devido à falta de patrocínios, a Califórnia da Canção foi revivida intensamente por mais de uma dezena de músicos, produtores e familiares, vindos de todo o canto do Estado — de Jaguarão, de São Borja, de Uruguaiana. Aos poucos, eles converteram o Chalé da Praça XV em um álbum vivo de fotografias de uma época que deixou saudades — e um legado que não se ousa questionar.

— Se não fosse a Califórnia, toda a música regionalista que a gente conhece não existiria — afirma, taxativo, o compositor Jerônimo Jardim.

15/12/11

Músicos de todo o Estado reuniram-se no Chalé da Praça XV para celebrar...

Mais do que solidificar uma estética regionalista que não se blindava contra referências externas, a Califórnia estruturou um mercado sustentável para a música gaúcha de raiz.

— Somos músicos que vivemos de música — garante o compositor e intérprete João de Almeida Neto. — E esse ainda é um mercado muito vivo.

O compositor Francisco Alves, autor de clássicos do cancionista regional, como *Não Podemos Se Entregar Pros Homens*, se orgulha de ter inscrito canções em todas as edições da Califórnia. Ele, no entanto, diz não se sentir seguro quanto à volta do festival com a força de outrora:

— O meu medo é que tenha passado o ciclo.

Para o compositor, escritor e publicitário Luiz Coronel, o enfraquecimento da Califórnia era inevitável. Segundo ele, a partir da década de 1980, o festival deixou de ser o mosaico de diferentes características criativas e interpretativas, que consistia em sua maior virtude.

— As composições foram ficando repetitivas, as interpretações parecidas umas com as outras — opina. Coronel lamentou a morte do músico José Cláudio Machado, na última segunda-feira. Segundo ele, Machado foi um músico ímpar e uma figura muito verdadeira.

Bola para frente

João de Almeida Neto acredita que, independentemente de o festival voltar a acontecer, o processo de fortalecimento da cultura regionalista iniciado por ele segue a pleno vapor.

— Acho que temos que reverenciar as pessoas que construíram esse movimento tão bonito e importante. Eu vim aqui celebrar o futuro, o que ainda vai acontecer, as músicas que ainda vamos compor e tocar. Se é Califórnia ou não, é apenas uma questão de nomenclatura.

No que depender de muitos dos presentes no Chalé, no entanto, o festival deve voltar.

— Eu vejo este encontro como um divisor de águas — afirma Francisco Alves, otimista.

Para Patinete, é preciso "uma pessoa de pulso forte", que injete o fôlego que falta para que o festival consiga o aporte de patrocínio necessário e possa, enfim, ser realizado novamente.

— A Califórnia da Canção é importante demais para morrer. Nós não queremos nem que ela fique doente — afirma o produtor.

ZERO HORA

...clicrbs.com.br/.../musicos-de-todo-o-estado-reuniram-se-no-chale-da-pr...

2/3

ANEXO I – Transcrição da entrevista com Pirisca Grecco

Transcrição da Entrevista feito com o músico Pirisca Grecco Intérprete e compositor natural de Uruguaiana

Sabrina - Tu respondeu mais ou menos a segunda também. Como é que tu entende a Califórnia enquanto manifestação cultural e popular?

Pirisca - Eu acho que apesar de ter nascido assim, que possa se dizer assim, de uma revanche, né, que os idealizadores da Califórnia foram barrados em um festival de música brasileira. Então acho que a Califórnia acabou surpreendendo, acabou tomando uma proporção que, acredito que os próprios idealizadores não esperavam e cumprindo um papel, né, cultural, social, turístico... enfim, é muito mais importante do que a própria revanche que a motivou.

Eles nem imaginavam a proporção...

É... eu acho que não, né. Foi uma reunião no cinema da cidade com basicamente os músicos concorrentes. Uns aplaudiam os outros, e acabou pegando força. Bonito!

E essa questão do governador ter patrimonializado a Califórnia? Qual importância tu acha que teve essa lei? Para a Califórnia, para ti que estás direto lá, que é da cidade?

Isso me soa assim muito estranho, porque eu não... me parece que foi um telefonema que o governador deu pro presidente atual dizendo que a Califórnia era patrimônio do estado, né. A Califórnia já deixou de sair por falta de grana, enfim, a Califórnia já deixou de cumprir alguns compromissos. Então não sei até que ponto o Estado zela por este patrimônio realmente. Isso me soa muito estranho, eu nunca vi o governador do estado em Uruguaiana curtindo uma Califórnia e tão pouco alguém estendendo o braço, assim pra quando a Califórnia ta no chão, né?! Então não... eu desconheço este termo aí. Eu não sei te dizer em que condições a Califórnia é Patrimônio Cultural do estado. É duro pensar que o estado cuida assim do seu patrimônio cultural, entende? A Califórnia é a mãe dos festivais que tá na UTI há muitos anos, num coma induzido e não se vê ação nenhuma para que ela saia deste estado.

Sim, a lei está só no papel...

É...

E como foi lá, mais pra ti lá, mas entre os músicos, do teu convívio, quando foi definitivamente cancelada a edição de 2011? 2011 não, 2010 que foi adiada pra 2011/abril, adiada pra 2011/dezembro e depois cancelada?

Foi um choque pra gente, foi muito triste porque... não só pelo fato de haver um cancelamento da Califórnia... não só pelo fato da gente correr o risco de não ter mais Califórnia... de ta com música classificadas lá e não poder cantar... mas porque avisaram na semana assim, na semana que antecedia o festival, então, isso foi duro, porque a Califórnia mexe com a cabeça da moçada e muita gente já tinha refugado alguns outros trabalhos pra participar da Califórnia. A Califórnia é um sonho pra muitos...

Eu já ia dizer: é um sonho pra muitos músicos...

É... não... e pra gente também , pra gente apesar de já ter ido bem... é sempre... ah! Pisar no palco da Califórnia é “jogar no Maraca”... ou foi. Então foi uma notícia triste, revoltante, né?! Eu particularmente cheguei a trocar algumas farpas com o presidente, então, da Califórnia o chamando de irresponsável, né?! Porque não se pode admitir, que entendeu... a última Califórnia foi um vírus da internet. Esse regulamento não foi mandado pra endereço nenhum, ninguém pegou na mão esse regulamento. Vazou na internet... a gente foi pra

estúdio, foi compor, foi gravar... foi atrás do melhor gaiteiro, do melhor arranjador, pra participar da Califórnia. Fomos classificados...

Sim, teve triagem...

É... e a gente ta esperando até agora pra subir no palco, então... a Califórnia... é... não se pode admitir que se organize um festival assim... que a gente agora abra o facebook lá: - pô! Nós vamos dar um carro zero pra melhor música no dia tal, e tem R\$ 5.000,00 de ajuda de custo. Mande suas músicas! E a gente chegar no dia: - Ó pessoal! Não deu pra captar. Não se admite isso. Não pode se admitir.

A primeira nota inclusive até diz que o prefeito, na nota, que eu até tava lendo ontem, ela diz que o prefeito daria... mesmo com a disponibilização de R\$ 50.000,00 para realização, não seria possível realizar. E a gente até cidades maiores, ou até menores, realizando festivais com bem menos né?! Bem menos recursos, de repente eu acho que os músicos não iam ficar tristes... tão tristes se diminuíssem um pouco a ajuda de custo, ou se diminuísse a premiação para sair o festival.

O prefeito acabou realizando um festival com estes R\$ 50.000,00, com este palco, com este som...

Sim, seria exatamente esta a próxima pergunta...

É... com este dinheiro que a Califórnia refugou, né... A Califórnia não tem uma gestão, do tamanho, do seu verdadeiro tamanho, ou do tamanho que a gente, que o estado pensa que ela tem. A Califórnia tomou uma proporção muito grande, enquanto o CTG Sinuelo do Pago ta em ruínas, ta com o IPTU atrasado... ta com o único Museu do Piá do planeta, tem o Museu do Glauco Saraiva lá, uma vida de pesquisa do Glauco Saraiva lá, entregue aos cupins... né... o CTG Sinuelo do Pago cortou suas árvores... então isso é o reflexo da gestão da Califórnia, entendeu... e covardemente quiseram colocar a culpa na prefeitura de Uruguaiana, que nunca conseguiu interferir na Califórnia. A Califórnia nunca permitiu que um prefeito fosse entregar um troféu ou fazer discurso lá. Nunca autorizou. A Califórnia desde sua realização nunca fez questão de fazer amigos políticos ou ser de alguma situação. E a Califórnia caiu no tempo assim como o próprio CTG Sinuelo do Pago, parou no tempo, por falta de gestão, por falta de produtores culturais, por falta de empreendedores culturais... por falta de viajar, de ir assistir um Reponte, de assistir uma Guyanuba, de assistir uma Coxilha, né. O pessoal ficou lá no velho oeste sem saber como se fazer um festival.

Uma das perguntas que eu coloquei ontem no trabalho quando eu tava terminando essa parte da Califórnia e da função, porque a gente vê a LIC, a gente vê algumas prefeituras que ajudam e eu até botei: Onde estará o problema então, né? Tá realmente no poder público, né?!, que não ajuda ou ta nos produtores que não sabem realizar um projeto descente pra passar num edital desses de captação de recursos, né...

A próxima pergunta mais ou menos tu já me respondeu que seria o surgimento desse novo festival em Uruguaiana, como é que repercutiu entre os músicos, se vocês acham válido...

Eu acho que sim, eu acho que o palco, um palco sempre é bom...

Tava pronto o palco, tava pronta a verba...

Foi um festival que deu um dos maiores prêmios do estado, pagou uma grande ajuda de custo também muito boa, pagou em dinheiro, né... então, agregou a comunidade, teve um público bom o festival.

Porque eu vi, principalmente nesses blogs que a gente vê, né... as notícias, acho que foi até no blog do jornal mesmo, muita gente criticando como tu disse a prefeitura:

“Ah! Ajudam o carnaval fora de época, não ajudam a Califórnia...”, “Ah! Esse festival deveria se chamar (como é mesmo o sobrenome, o nome do prefeito, Sanchotene) Sanchotene da Canção...” uma coisa assim, esse novo festival, eu vi o pessoal criticando bastante.

É... isso é um ou dois jornais que cumprem o papel aí de inimigos da situação, típico da cidade do interior. Não é...

Até nem foi o jornal, foram os comentários na notícia...

Não expressam a opinião da maioria, assim... é uma pena. A Califórnia se extraviou, né. Se extraviou por falta de comprometimento, por falta de manutenção dos seus ideais, valores. Por falta de preparo, né, o pessoal... passou o tempo e o pessoal não atravessou o “mataburro” e acabou sufocado. A gente ta aí sem festival, e Uruguaiana além do Carnaval fora de época faz aí a festa junina fora de época porque a rapaziada passa lá o ano todo de camisa xadrez, calça rasgada e dançando música caipira (risos). Então é isso... a Califórnia é uma invernada do CTG Sinuelo do Pago, ela não tem interferência nenhuma da prefeitura, entidades ou lideranças do município que tentaram fazer algo pela Califórnia, também nunca foram bem sucedidos... porque a Califórnia tem dono, tem, eu acho que, essa coisa do tradicional, do realmente o pessoal não querer mexer, o pessoal ter medo de evoluir, né... de acompanhar a dinâmica do mundo, né... acabou que a gente não... Uruguaiana ta de braços cruzados, não aceita que qualquer forasteiro vá lá tentar ressuscitar a Califórnia, e...

Até foi bom eu ter entrado em contato contigo, pra conversar contigo, porque aqui, nós aqui... eu converso muito com os músicos daqui e tal e com o pessoal que gosta de festivais e a gente não tem a ideia de que o problema mesmo, não digo ah, realmente a culpa... a gente não tinha ideia que essa comissão organizadora da Califórnia fosse tão fechada. Muita gente acredita que a Califórnia não acontece, não ta acontecendo justamente porque não existe a ajuda do governo, né!

Mas não é nada disso... na realidade assim... a Califórnia não tem uma “comissão organizadora”. O CTG Sinuelo do Pago tem um caseiro, um cara lá que mora com a família e é isso. O CTG não tem patrão, não tem sócios, não tem invernada, não tem nada. O CTG ta afundando e ninguém pode fazer nada se não for em nome do CTG. Então não existe uma comissão, não existe um Colmar, um Júlio... um quem seja. Ninguém responde pela Califórnia. A Califórnia é um buraco negro. A própria história da Califórnia tá lá atrizada às traças, tem fotos, tem fitas cassete das triagens, tudo, tudo, tudo... e isso não é: “Bah! Prefeito...” Isso é própria falta de interesse da comunidade, entendeu. Pessoal que não aprendeu... botaram lá a Calandra, roubaram lá a Calandra na primeira noite... então não tem o “cacoete” do aplauso, do receber, promover festa. A Califórnia vai ficar em silêncio, o Patinete²⁰ vai querer ir a Uruguaiana, vamos ressuscitar a Califórnia?... não, não... meter a mão o que...

Tu chegou a participar do encontro aquele que teve em Porto Alegre?

Não... o Duca²¹ participou. Né Duca?

Foi um encontro mais entre os músicos né?

Duca: Foi um encontro simbólico entre alguns músicos, promovido pelo Ayrton dos Anjos, que é um cara que viu a Califórnia crescer, que participou desse processo, então ele... simbolicamente... ele é um cara que é saudosista, no bom sentido, nesse aspecto, das coisas que ele vê surgir, vê crescer, vê acontecer. Então ele propôs isso: celebrar os 40

²⁰ Ayrton dos Anjos, produtor.

²¹ Duca Duarte, instrumentista, natural de Uruguaiana. Estava presente durante a entrevista pois encontrava-se no estúdio gravando o novo cd do Pirisca.

anos da Califórnia e de nativismo, do movimento. E foi legal porque teve uma boa aceitação...

Sim, foi uma reunião de amigos...

Duca: Uma reunião de amigos, uma grande celebração. Se cortou um bolo e se cantou parabéns foi bem bonito.

Legal.

Então, muito obrigada Pirisca pela ajuda, foi muito bom pro meu trabalho ter conversado contigo.

(Após ainda conversamos mais um pouco porém não foi gravado)

ANEXO J – Questionário Robledo Martins

Músico: Robledo Martins
Intérprete natural de Rio Grande

FESTIVAIS NATIVISTAS: PATRIMÔNIO CULTURAL DO RIO GRANDE DO SUL?

Os festivais nativistas são os principais agentes da difusão e divulgação da música nativista. Dos festivais nativistas surgiram instrumentistas, compositores e especialmente intérpretes - solistas ou em grupos que, pouco a pouco, vão fazendo suas carreiras.

O movimento reascendeu o orgulho nativista riograndense. Os jovens adotaram elementos da tradição gaúcha como o uso da bombacha, de boina e alpargatas e passaram a formar rodas de mate nas praças.

Por sua importância e pioneirismo, a **Califórnia da Canção Nativa** é considerada o embrião de vários outros festivais semelhantes que passaram a acontecer em todo o Rio Grande do Sul, nas décadas subsequentes. Entre eles pode-se destacar a Coxilha Nativista (Cruz Alta), o Ponche Verde (Dom Pedrito), o Carijo da Canção Gaúcha (Palmeira das Missões), o Reponte da Canção (São Lourenço do Sul), o Musicanto (Santa Rosa), entre outros que somam mais de 50 festivais realizados por ano no estado.

- 1) Qual a importância do festival Califórnia da Canção Nativa para o movimento nativista?

A Califórnia da Canção Nativa, com certeza teve grande importância no movimento nativista, pois foi através desse festival que começou a se usar o termo Nativismo na música feita em nosso estado, pois antes, as músicas eram tidas como Regionalistas, um tipo de música em que os mais velhos apreciavam na época. Com o festival, as canções podiam versar em outros aspectos, como o social, o homem do campo, a natureza, etc., de uma forma mais poética, com poesias mais inteligentes e mais aprofundadas, trazendo assim o interesse dos mais jovens, como os universitários, aqueles que até então estão na cidade, e passam a conhecer mais sobre a cultura do Gaúcho, o homem do campo e suas características.

- 2) Como vocês entendem a Califórnia enquanto manifestação cultural e popular?

Podemos afirmar que o festival teve importância cultural e popular pois foi o primeiro do gênero, transformando-se na célula mater para o surgimento de outros festivais em nosso estado, e mais recentemente, até em outros estados brasileiros. Cultural, pois envolve diversos poetas, músicos e cantores de todo Estado e movimenta a cidade em que está acontecendo o evento.

- 3) Para vocês qual a importância de a Califórnia ser Patrimônio Cultural do Estado?

Na verdade, eu não teria como responder a essa pergunta pois desconheço essa parte. Mas acredito que pelo histórico do festival, de ter sido o primeiro, e de ter sido realizado por tantos anos, pode-se pensar em que seja denominado como patrimônio cultural.

- 4) Como repercutiu entre os músicos o cancelamento definitivo em 2011 da 37ª edição do festival após tantas ações e apoios que buscavam a sua realização?

Na verdade, nós artistas, sabemos da dificuldade da realização de um festival, pois envolve cifras, apoio de prefeitura, patrocinadores etc. Mas particularmente acredito

que o festival acabou por falta de trabalho em equipe. A Califórnia da Canção era tão somente realizada por um CTG de Uruguaiana.

- 5) E o surgimento deste novo festival em Uruguaiana com um redirecionamento da verba que poderia ter auxiliado a Califórnia?

Penso que este novo festival só foi realizado por interesses políticos.

ANEXO K – Questionário Leonardo Oxley

Músico: Leonardo Oxley
Instrumentista natural de Pelotas

FESTIVAIS NATIVISTAS: PATRIMÔNIO CULTURAL DO RIO GRANDE DO SUL?

Os festivais nativistas são os principais agentes da difusão e divulgação da música nativista. Dos festivais nativistas surgiram instrumentistas, compositores e especialmente intérpretes - solistas ou em grupos que, pouco a pouco, vão fazendo suas carreiras.

O movimento reascendeu o orgulho nativista riograndense. Os jovens adotaram elementos da tradição gaúcha como o uso da bombacha, de boina e alpargatas e passaram a formar rodas de mate nas praças.

Por sua importância e pioneirismo, a **Califórnia da Canção Nativa** é considerada o embrião de vários outros festivais semelhantes que passaram a acontecer em todo o Rio Grande do Sul, nas décadas subsequentes. Entre eles pode-se destacar a Coxilha Nativista (Cruz Alta), o Ponche Verde (Dom Pedrito), o Carijo da Canção Gaúcha (Palmeira das Missões), o Reponte da Canção (São Lourenço do Sul), o Musicanto (Santa Rosa), entre outros que somam mais de 50 festivais realizados por ano no estado.

- 1) Qual a importância do festival Califórnia da Canção Nativa para o movimento nativista?

A Califórnia foi muito importante como manifestação artística e política. Digo política porque lembro, por exemplo, na 10ª Califórnia, a música Semeadura, de Vitor Ramil e Fogaça entre outras que marcaram gerações. A importância do festival foi a de resgatar também a figura do gaúcho dentro de um Estado que, na minha opinião, não tem muito a ver culturalmente com o País que faz parte. O festival evitou a perda de uma identidade mesmo se opondo a apresentação de músicas em espanhol. Na 2ª Califórnia Martin Coplas interpretou a música Reflexão, que na verdade foi a vencedora da 1ª Califórnia, mas não foi ele o intérprete. Lembro da 14ª Califórnia que participei junto com o Dante Ledesma. Os "bastidores" são inesquecíveis. As brigas com a comissão devido ao sotaque argentino do Dante, os novos contatos com compositores e músicos em ebulição. O convívio com as características culturais das microrregiões...enfim, um verdadeiro encontro com o gaucho em toda a sua dimensão.

- 2) Como vocês entendem a Califórnia enquanto manifestação cultural e popular?

O festival em si é muito importante pois a cultura de raiz leva a sanidade ao povo. O pecado cultural da Califórnia, no meu ponto de vista, foi a não evolutividade pois enfoca muito a vida no campo. Muito pouco se fala da cidade, e quando fala restringe pessoas do campo às periferias. Na verdade o que quero dizer é que sou gaúcho mas meu rancho fica no 4º andar. Pela minha janela os campos são azuis e os "rebanhos" que passam..., passam voando. Num primeiro momento o festival revelou a identidade do gaúcho mas depois ficou preso à tradição (não ao tradicionalismo) por se repetir. A lida do homem da cidade ficou de lado, então alguns buscaram aquela "cultura" feita no resto do País. Mesmo assim a Califórnia garantiu a preservação da cultura do gaúcho.

- 3) Para vocês qual a importância de a Califórnia ser Patrimônio Cultural do Estado?

É importante devido ao legado, a história do resgate cultural do povo gaúcho, mas uma reformulação responsável teria de ser feita. Digo isso com base nos primeiros CIRIOS (Festival Interuniversitário da Canção), onde o povo e a cultura do Rio Grande se identificavam com os demais países da América do sul. Além do resgate da identidade o que ficava mais evidente era a identificação e a situação com a “pátria gaucha” (países do cone sul).

- 4) Como repercutiu entre os músicos o cancelamento definitivo em 2011 da 37ª edição do festival após tantas ações e apoios que buscavam a sua realização?

Bom, aí eu já estava fora dos festivais (eventualmente toco em algum), mas sei que vários festivais terminaram por superfaturamento de verba. Não sei se é o caso da Califórnia mas isto empobrece a cultura regional. Como artista, lamento muito pois a troca de informações, experiências, além de contatos novos eram muitas vezes bem mais proveitosos do que a apresentação das músicas no palco, que por sua vez levavam ao povo reflexão, questionamentos e entretenimento. Esta situação é igual a que vivemos hoje e que viveram muitos na revolução de 64. Na época da ditadura os professores eram presos e os artistas perseguidos pois só eles poderiam levar razão ao povo. Hoje temos professores desacreditados, artistas sem teatro (ex.: o 7 de abril) e, pela sua história, a Califórnia ser o maior teatro do Rio Grande com as “portas fechadas”.

- 5) E o surgimento deste novo festival em Uruguaiana com um redirecionamento da verba que poderia ter auxiliado a Califórnia?

Eu desconheço os moldes que foram usados para estruturar este novo festival. Quero acreditar que seja uma forma de evolução da Califórnia. Contudo há de se ter cuidado para não cair nos “velhos erros”. Entendo que a vaidade é o pecado favorito do diabo. O certo é que este festival novo é uma fênix pois está saindo das cinzas da Califórnia. Pois que ele venha com o ideal da Califórnia mas com uma perspectiva além fronteira.

P.S.: Os festivais são um grande teatro mas ainda não podemos considerá-los patrimônio cultural do Estado em função da politicagem que acontece tanto nas organizações como no júri. Corremos o risco de formar uma cultura manipulável e isto, para o povo, não é bom.

ANEXO L – Questionário Juliana Spanevello

Músico: Juliana Spanevello
Intérprete natural de Faxinal do Soturno

FESTIVAIS NATIVISTAS: PATRIMÔNIO CULTURAL DO RIO GRANDE DO SUL?

Os festivais nativistas são os principais agentes da difusão e divulgação da música nativista. Dos festivais nativistas surgiram instrumentistas, compositores e especialmente intérpretes - solistas ou em grupos que, pouco a pouco, vão fazendo suas carreiras.

O movimento reascendeu o orgulho nativista riograndense. Os jovens adotaram elementos da tradição gaúcha como o uso da bombacha, de boina e alpargatas e passaram a formar rodas de mate nas praças.

Por sua importância e pioneirismo, a **Califórnia da Canção Nativa** é considerada o embrião de vários outros festivais semelhantes que passaram a acontecer em todo o Rio Grande do Sul, nas décadas subsequentes. Entre eles pode-se destacar a Coxilha Nativista (Cruz Alta), o Ponche Verde (Dom Pedrito), o Carijo da Canção Gaúcha (Palmeira das Missões), o Reponte da Canção (São Lourenço do Sul), o Musicanto (Santa Rosa), entre outros que somam mais de 50 festivais realizados por ano no estado.

- 1) Qual a importância do festival Califórnia da Canção Nativa para o movimento nativista?

A Califórnia de Uruguaiana foi onde tudo começou. Foi de onde saíram as grandes referências musicais e artísticas da música gaúcha, que são nossos espelhos e nossos exemplos até hoje. São nosso chão, nosso parâmetro.

- 2) Como vocês entendem a Califórnia enquanto manifestação cultural e popular?

A Califórnia enquanto movimento cultural e popular é indiscutível. Pela experiência empírica que desenvolvi nesses 20 anos participando deste movimento, percebi que as cidades e comunidades que se envolvem na organização e que usufruem de um festival de música, são visivelmente comunidades diferenciadas, de interesses e comprometimentos relacionados à cultura e educação muito além dos vistos geralmente. Sem contar que estes eventos fazem a conexão das pessoas com sua cultura e história através da música.

- 3) Para vocês qual a importância de a Califórnia ser Patrimônio Cultural do Estado?

A Califórnia transpõe as fronteiras do Município, do Estado e do País onde ela aconteceu esses anos todos, e conquistou importância como referencial folclórico e cultural do povo gaúcho. Exatamente por essa vinculação a história, cultura, e a trajetória do universo artístico gaúcho é que constatamos ser de interesse público manter e valorizar este evento cultural como Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul. Isto também como forma de proteger e viabilizar sua continuidade e sobrevivência, dada a sua excepcional importância para o povo gaúcho e sua identidade.

- 4) Como repercutiu entre os músicos o cancelamento definitivo em 2011 da 37ª edição do festival após tantas ações e apoios que buscavam a sua realização?

Embora saibamos pouco da real motivação que ocasionou o cancelamento do festival, no meio artístico, o cancelamento foi muito lamentado e soou como uma

falta de cuidado e de comprometimento dos organizadores com um festival que não pertence mais somente à Uruguaiana ou a meia dúzia de pessoas. Qualquer ação ou apoio que fosse solicitado da classe musical para o fim de auxiliar a Califórnia teria sido prontamente atendido pela grande maioria, mesmo considerando que muitos dos artistas gaúchos hoje tiram seu sustento deste movimento dos festivais.

- 5) E o surgimento deste novo festival em Uruguaiana com um redirecionamento da verba que poderia ter auxiliado a Califórnia?

Para nós que olhamos de fora, o surgimento de outro festival no lugar da união de forças pela preservação da Califórnia, soa como uma fragmentação de cunho político, onde interesses individuais prevalecem sobre a questão cultural, pois ora, se existe condições financeiras e vontade da comunidade em realizar um festival, porque não investir esse esforço na preservação da Califórnia?

ANEXO M – Questionário Fabiano Bacchieri

Músico: Fabiano Bacchieri
Intérprete e compositor natural de Canguçu

FESTIVAIS NATIVISTAS: PATRIMÔNIO CULTURAL DO RIO GRANDE DO SUL?

Os festivais nativistas são os principais agentes da difusão e divulgação da música nativista. Dos festivais nativistas surgiram instrumentistas, compositores e especialmente intérpretes - solistas ou em grupos que, pouco a pouco, vão fazendo suas carreiras.

O movimento reascendeu o orgulho nativista riograndense. Os jovens adotaram elementos da tradição gaúcha como o uso da bombacha, de boina e alpargatas e passaram a formar rodas de mate nas praças.

Por sua importância e pioneirismo, a **Califórnia da Canção Nativa** é considerada o embrião de vários outros festivais semelhantes que passaram a acontecer em todo o Rio Grande do Sul, nas décadas subsequentes. Entre eles pode-se destacar a Coxilha Nativista (Cruz Alta), o Ponche Verde (Dom Pedrito), o Carijo da Canção Gaúcha (Palmeira das Missões), o Reponte da Canção (São Lourenço do Sul), o Musicanto (Santa Rosa), entre outros que somam mais de 50 festivais realizados por ano no estado.

- 1) Qual a importância do festival Califórnia da Canção Nativa para o movimento nativista?

A Califórnia foi o marco inicial do movimento nativista, teve na sua época um papel importantíssimo para a divulgação, afirmação e manutenção da identidade musical relacionada à cultura gaúcha. Hoje, devido a vários problemas de ordem administrativa e financeira, não figura entre os principais festivais do estado, apresentando faltas graves perante aos músicos participantes e perda total da credibilidade. Eu mesmo tenho até hoje um cheque proveniente do pagamento da ajuda de custo de uma edição realizada a mais de 05 anos, que nunca recebi.

- 2) Como vocês entendem a Califórnia enquanto manifestação cultural e popular?

Foi, há muitos anos atrás, um reflexo da música produzida no RS. Hoje não representa nada.

- 3) Para vocês qual a importância de a Califórnia ser Patrimônio Cultural do Estado?

Uma vergonha. Existem no mínimo 05 festivais que mereciam muito mais.

- 4) Como repercutiu entre os músicos o cancelamento definitivo em 2011 da 37ª edição do festival após tantas ações e apoios que buscavam a sua realização?

Para mim, um festival que não paga os seus músicos durante uma edição, antes de fazer outra, deve ao menos quitar suas dívidas. Para mim foi como se nada tivesse acontecido, há muito tempo que a Califórnia nada me representa, vive de uma época de ouro que, infelizmente acabou.

- 5) E o surgimento deste novo festival em Uruguaiana com um redirecionamento da verba que poderia ter auxiliado a Califórnia?

No momento em que a Califórnia procurou verba para realizar outra edição sem saldar suas dívidas anteriores, comprovou a desonestade, falta de honra, desrespeito com os idealizadores, desrespeito com o Rio Grande do Sul, total

menosprezo com a força principal do evento, e a característica mais dolorosa, é uma ação comercial. Fim da Califórnia, zera tudo, passa uma borracha nas contas e vamos colocar outro nome. Assim fica fácil. Como fica agora o patrimônio Cultural do estado? Tomara que este novo festival seja sério, honesto e comprometido com a cultura.

ANEXO N – Questionário Alessandro Mattos

FESTIVAIS NATIVISTAS: PATRIMÔNIO CULTURAL DO RIO GRANDE DO SUL?

Os festivais nativistas são os principais agentes da difusão e divulgação da música nativista. Dos festivais nativistas surgiram instrumentistas, compositores e especialmente intérpretes - solistas ou em grupos que, pouco a pouco, vão fazendo suas carreiras.

O movimento reascendeu o orgulho nativista rio-grandense. Os jovens adotaram elementos da tradição gaúcha como o uso da bombacha, de boina e alpargatas e passaram a formar rodas de mate nas praças.

Por sua importância e pioneirismo, a **Califórnia da Canção Nativa** é considerada o embrião de vários outros festivais semelhantes que passaram a acontecer em todo o Rio Grande do Sul, nas décadas subsequentes. Entre eles pode-se destacar a Coxilha Nativista (Cruz Alta), o Ponche Verde (Dom Pedrito), o Carijo da Canção Gaúcha (Palmeira das Missões), o Reponte da Canção (São Lourenço do Sul), o Musicanto (Santa Rosa), entre outros que somam mais de 50 festivais realizados por ano no estado.

- 1) Qual a importância do festival Califórnia da Canção Nativa para o movimento nativista?

Como todo evento pioneiro, a Califórnia carrega a responsabilidade por abrir os caminhos. Tornou-se um divisor de águas para a música regional gaúcha.

- 2) Como vocês entendem a Califórnia enquanto manifestação cultural e popular?

Como ela funcionou por muitos anos (ainda que com dificuldades), serviu como fomentadora na produção musical do Estado.

- 3) Para vocês qual a importância de a Califórnia ser Patrimônio Cultural do Estado?

A partir do momento em que um festival, que é o destino de boa parte da produção musical do estado, se firma como Patrimônio Cultural, portas se abrem. Não só para os músicos que se sustentam financeiramente dos festivais, quanto para o próprio evento, que passa a ter mais credibilidade junto à sua comunidade e às empresas patrocinadoras.

- 4) Como repercutiu entre os músicos o cancelamento definitivo em 2011 da 37^a edição do festival após tantas ações e apoios que buscavam a sua realização?

*Sinceramente... Desconhecia o fato de o cancelamento ser definitivo.
Mas justamente por ser um festival emblemático, icônico, seu desaparecimento
do certame não poderia repercutir positivamente.*

- 5) E o surgimento deste novo festival em Uruguaiana com um redirecionamento da verba que poderia ter auxiliado a Califórnia?

*As idéias, em sua origem, são sempre boas, mas infelizmente as pessoas as modificam ao longo do tempo, conforme seus interesses e vaidades.
Para quem observa de longe, como eu, essa manobra parece ter um viés político.*

Alessandro Vaz de Mattos

Músico, Graduado em Letras e Esp. em Gestão Escolar

ANEXO O – Questionário Fabrício Marques

Músico: Fabrício Marques
Intérprete, letrista e compositor natural de Canguçu

FESTIVAIS NATIVISTAS: PATRIMÔNIO CULTURAL DO RIO GRANDE DO SUL?

Os festivais nativistas são os principais agentes da difusão e divulgação da música nativista. Dos festivais nativistas surgiram instrumentistas, compositores e especialmente intérpretes - solistas ou em grupos que, pouco a pouco, vão fazendo suas carreiras.

O movimento reascendeu o orgulho nativista riograndense. Os jovens adotaram elementos da tradição gaúcha como o uso da bombacha, de boina e alpargatas e passaram a formar rodas de mate nas praças.

Por sua importância e pioneirismo, a **Califórnia da Canção Nativa** é considerada o embrião de vários outros festivais semelhantes que passaram a acontecer em todo o Rio Grande do Sul, nas décadas subsequentes. Entre eles pode-se destacar a Coxilha Nativista (Cruz Alta), o Ponche Verde (Dom Pedrito), o Carijo da Canção Gaúcha (Palmeira das Missões), o Reponte da Canção (São Lourenço do Sul), o Musicanto (Santa Rosa), entre outros que somam mais de 50 festivais realizados por ano no estado.

- 1) Qual a importância do festival Califórnia da Canção Nativa para o movimento nativista?

Hoje? Nenhuma. Mas, foi o precursor, esse mérito ninguém tira.

- 2) Como vocês entendem a Califórnia enquanto manifestação cultural e popular?

Para mim, quando a Califórnia começou a “inventar moda”, aceitando músicas não inéditas e fazendo várias eliminatórias estado afora, assinou o atestado de óbito. Havia perdido a essência e, por consequência, o valor e respeito, e então começou a apelar. Mas, foi o precursor, esse mérito ninguém tira.

- 3) Para vocês qual a importância de a Califórnia ser Patrimônio Cultural do Estado?

Foi o precursor, esse mérito ninguém tira.

- 4) Como repercutiu entre os músicos o cancelamento definitivo em 2011 da 37ª edição do festival após tantas ações e apoios que buscavam a sua realização?

Para ser bem sincero, nem acompanhei. Tamanha importância que dou para esse “evento”. Mas, foi o precursor, esse mérito ninguém tira.

- 5) E o surgimento deste novo festival em Uruguaiana com um redirecionamento da verba que poderia ter auxiliado a Califórnia?

A Califórnia morreu! E a única história de ressurreição que se ouviu até hoje, é a de Cristo... Mas, nem nessa eu acredito!